

| Nota sobre a versão digital |





Conteúdo da caixa

- 1 folder instrucional-informativo;
- 1 barquinho iridescente de celofane;
- 2 mapas;
- Instruções para medir uma gota d'água;
- 19 cadernos, de tamanhos diversos, costurados à mão com linha de pesca.

Prezada leitora, prezado leitor,

É essencial informar que a dissertação *Terras Caídas: como navegar em águas rasas* foi produzida para ser uma publicação impressa, para ser caixa de tesouro, bagagem de viagem, um convite ao mergulho, texto-obra. Não há um sentido único de percorrer essa pesquisa, de ler esses 19 cadernos (o que, infelizmente, o arquivo digital impõe). Para saciar os curiosos, registros fotográficos foram aqui anexados. Insisto: a ordem de leitura é a do desejo, a navegação é livre.

Raissa Studart



Raissa Studart dos Santos

Terras caídas: como navegar em águas rasas

Disertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Artes Vi-
suais da Universidade de Brasília. Instituto
de Artes, como requisito parcial à obten-
ção do título de Mestre em Artes Visuais.
Linha de pesquisa: Deslocamentos e Espa-
cialidades
Orientadora: Pro^a Dr^a Karina e Silva Dias

Raissa Studart dos Santos

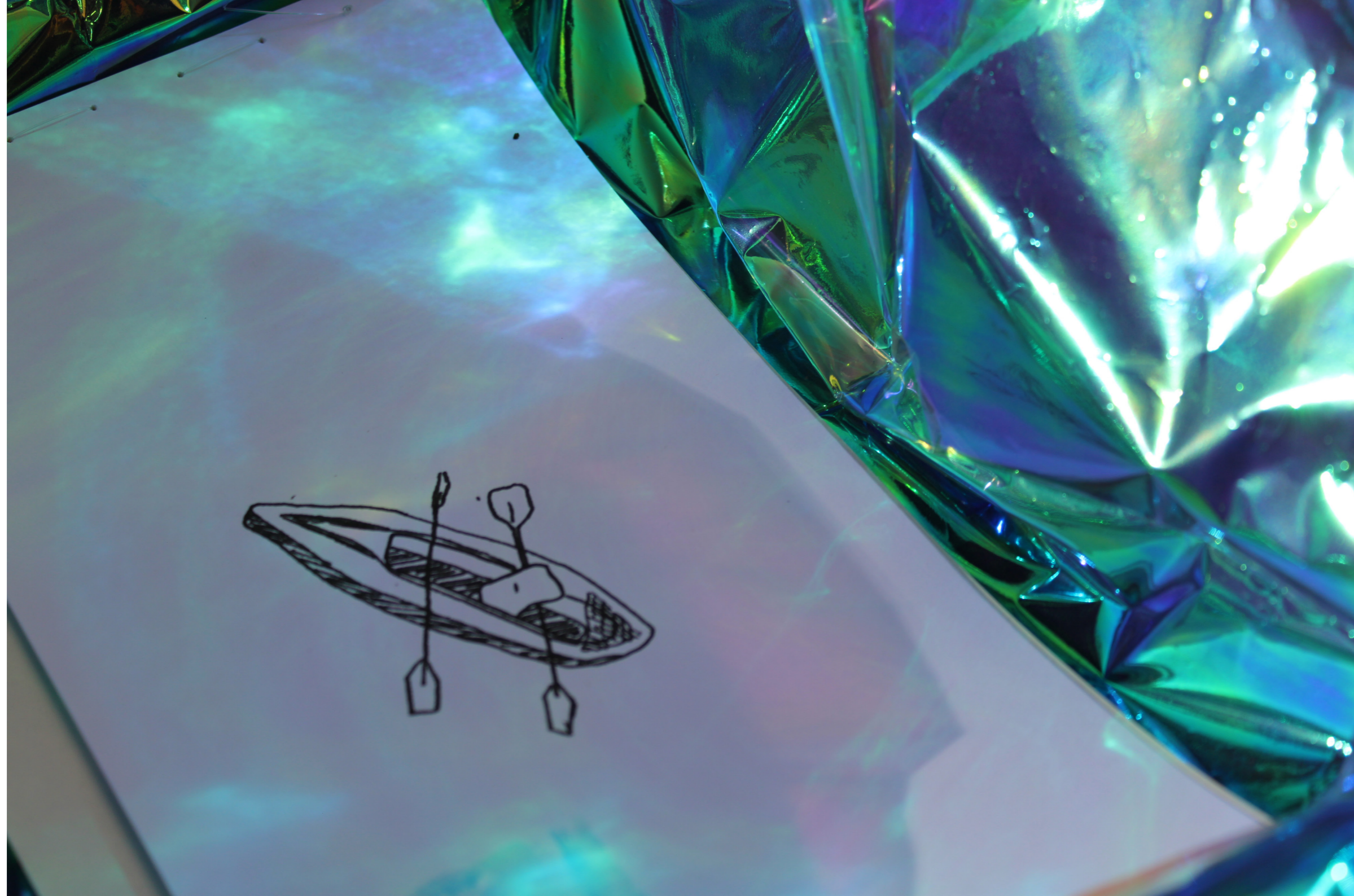
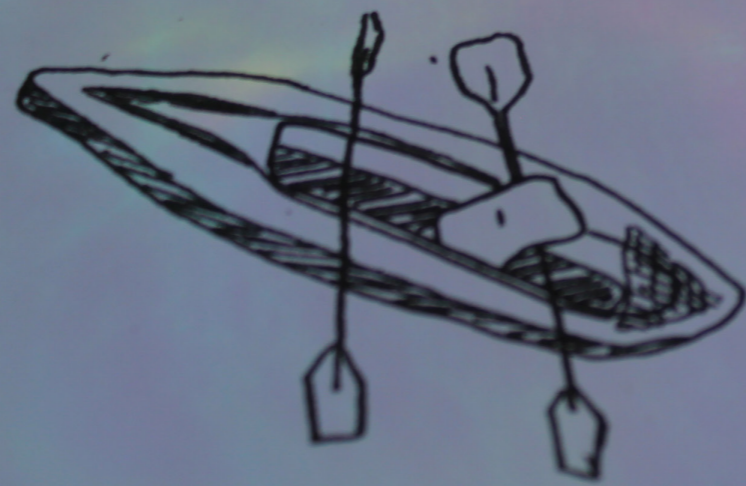
Terras caídas:
como navegar em
águas rasas

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Artes Vi-
suais da Universidade de Brasília, Instituto
de Artes, como requisito parcial a obten-
ção do título de Mestre em Artes Visuais.

Lista de pessoas: Dedicatória e Espe-
cialidades
Orientadora: Profª Drª Karina e Sua Mãe







Raissa Studart dos Santos

Terras caídas: como navegar em águas rasas

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília, Instituto de Artes, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Linha de pesquisa: Deslocamentos e Espacialidades

Orientadora: Pro^a Dr^a Karina e Silva Dias

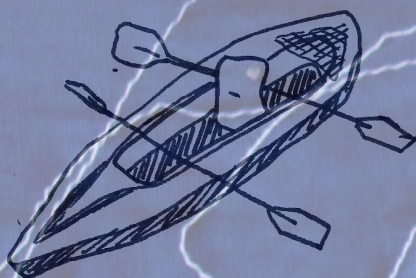
*Quem abre a torneira
convida a entrar
o lago
o rio
o mar*

Da arte das armadilhas, Ana Martins Marques

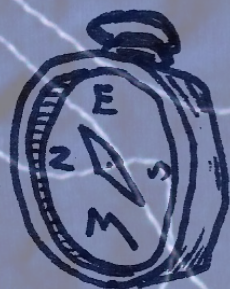
Brasília, 4 de julho de 2021

Prezada leitora e prezado leitor,
Esses escritos são relatos de uma viagem que começou com a cartografia de Terras Caídas. Não há ordem para leitura dos cadernos, a navegação é livre (sugiro erguer âncora a fim de acompanhar o vento em popa, ter o mapa em mãos e a boca cheia d'água).

P.S.: Para facilitar o trânsito físico-digital, todos os vídeos e páginas de internet mencionados no texto estão condensados em um só link: linktr.ee/terrascaidas



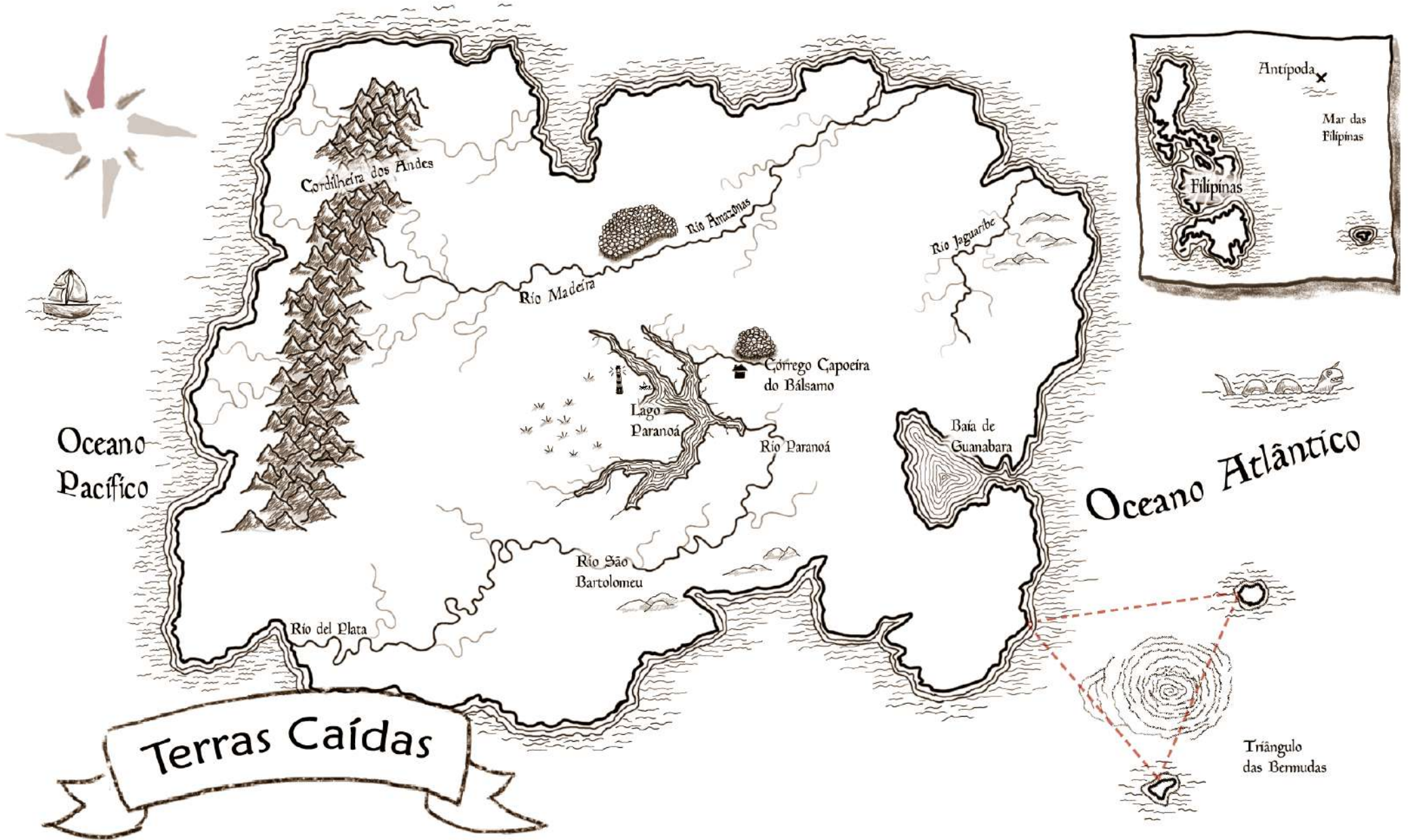
Notas; Splash; Estrangeira;
Lançar linhas no papel;
Rede de Pesca; Notas sobre o clima; Os últimos 30 dias a bordo; Das coletas

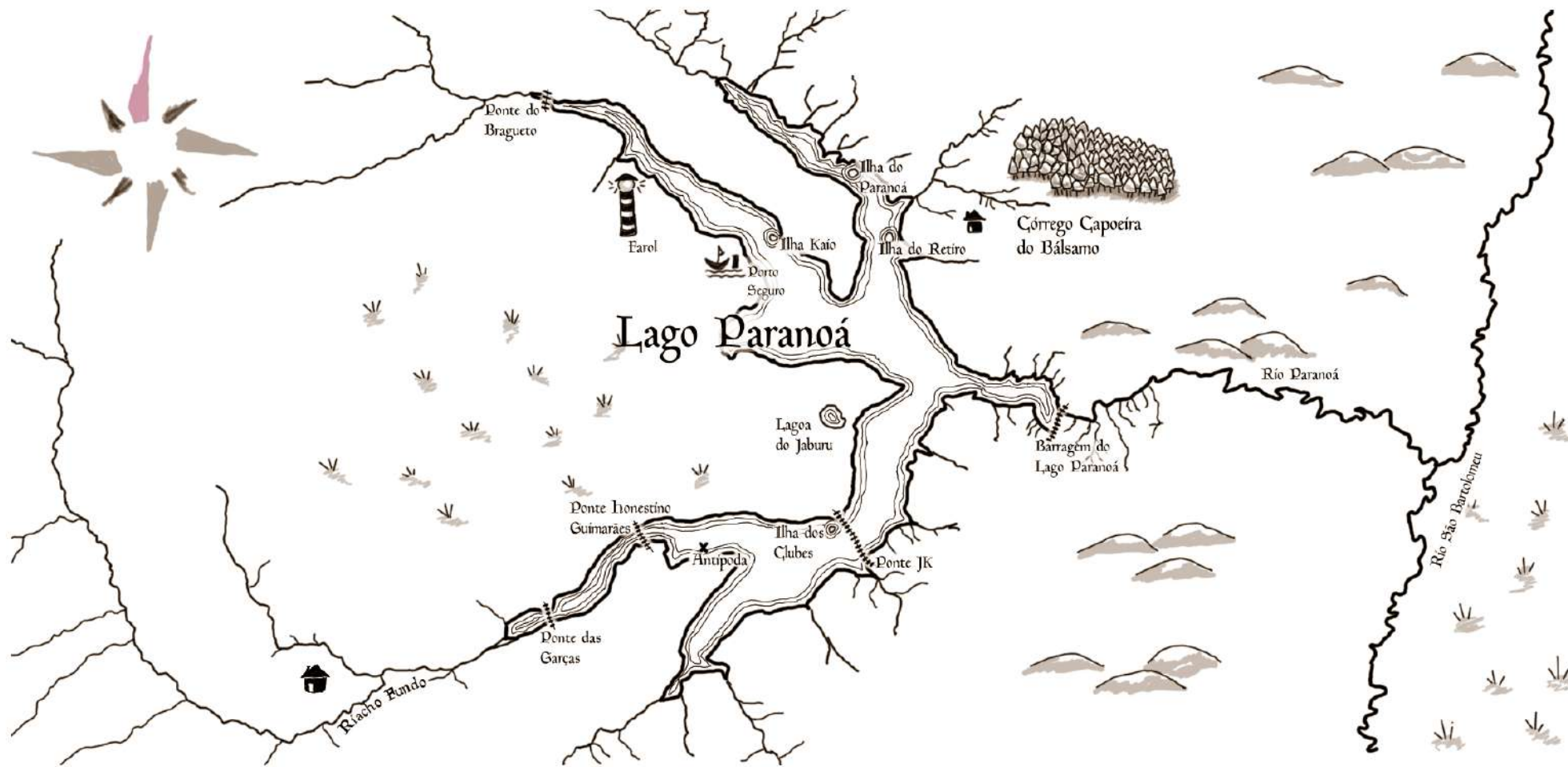


Mapas; Lunetas; Colete Salva Vidas; Companheiros de Bordo; Cartas Náuticas



Farol; Rio Madeira; Oceano Atlântico; Lago Paranoá; Córrego Capoeira do Bálamo; Porto Seguro; Triângulo das Bermudas





Instruções para medir gotas d'água:

Em uma pequena xícara, coloque um dedo de farinha de trigo.

Assim que a chuva começar a cair, estenda a xícara para fora da janela. Não deixe muito tempo para que as gotas coletadas não se sobreponham.

Deixe a água secar, evaporar, deixe-a se acomodar.

Quando sua gota estiver seca, você pode retirá-la da xícara com cuidado para aferir suas dimensões. É recomendável assoprar suavemente para limpá-la do excesso de farinha.



15°45'27.5"S
47°52'28.7"W

Dedico essa pesquisa
às velas queimadas
e às marés microscópicas
das xícaras de café tomadas
enquanto navegava terra a terra.



Vista do Farol, acervo pessoal, 2019.

Vinte anos morando em um Farol¹ onde o Sol passeia pelos corredores ao nascer e ao pôr do sol, onde os ventos correm do Leste ao Oeste batendo todas as portas no caminho. A artista Roni Horn observou atentamente o clima no período em que morou no alto de um Farol na Islândia e comigo não foi diferente no alto do Planalto. Na Colina se apresentava assim: os ventos parecem ser os habitantes primeiros, o canto das frestas uivando e janelas chacoalhando ecoando pelas paredes. Pude assistir aos inúmeros espetáculos proporcionados pelos relâmpagos. O céu tão baixo no horizonte fazia o Farol zenital e sensível, como se tocasse as nuvens. E esse Farol que permitia os olhos alcançar além das margens do Lago tinha luz para bem enxergar as proximidades também: claramente uma *lighthouse*.

Mudar de casa: reorientar minha bússola, meu centro gravitacional.

A moldura da janela convidava o Lago para dentro da casa. Observar a paisagem do alto do Farol sabendo que o ponto que olho, me vê de volta. Ser composta de água, morar em uma hidrosfera, observar o Lago: o mundo fica largo quando nossos corpos se estendem para fora, quando os corpos d'água se estendem até nós.

1 Apartamento na Colina - Universidade de Brasília apelidado carinhosamente de Farol pela artista Cecília Lima quando refugiada ali por uma noite.

Brasília, 20 de agosto de 2019.

Querida Denise,

Respondendo a sua pergunta, percebi que a coisa importante dessa história é: existe uma casa sem habitante e quando tudo sai de um apartamento até ficar branco e asséptico, as paredes ficam esfriam - assim como o vazio de um afeto que, ao me tocar, não me reconhece mais.

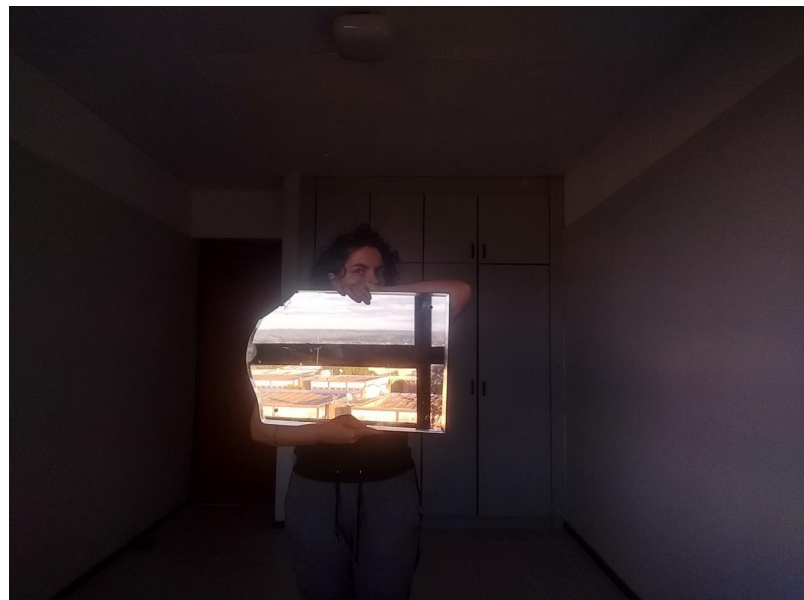
Esse foi o dia que pude, repentinamente e muito rapidamente, visitar a casa que me abrigou pelos últimos 18 anos uma última vez. Foi uma mudança indesejada, compulsória.

A casa era esculpida, sua matéria sendo retirada às pressas por um processo de subtração. O que restava naquele dia era alguns vestígios de ferramentas e materiais utilizada no acabamento daquela última arquitetura-escultura. Acredito que de alguma forma esculpimos nossa casa o tempo todo em que a habitamos, até não mais voltarmos a ela.

O apartamento era Farol na cidade, no topo do prédio e com todo o horizonte para si, vigia de todos os barcos e mergulhadores do Lago Paranoá. Ali senti o que é similar a várias situações de despedida, quando desejamos levar consigo tudo o que vivemos impressos na visão, apenas para afirmar o seu acontecimento no passar do tempo - eu quis ocupar, uma última vez o que era meu quarto, quis levar a paisagem que era da minha janela.

A mim, restou a fotografia, o espelho e uma lasca de parede.

Raissa Studart



Raissa Studart. *Estrangeira*, fotografia, 2019.

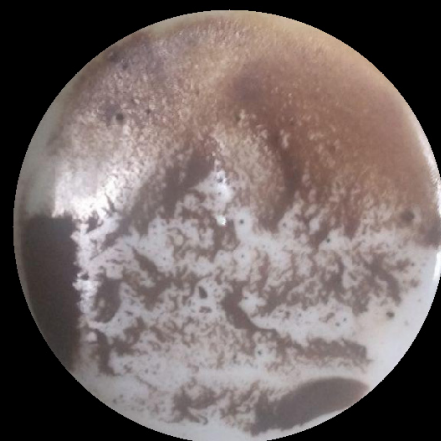
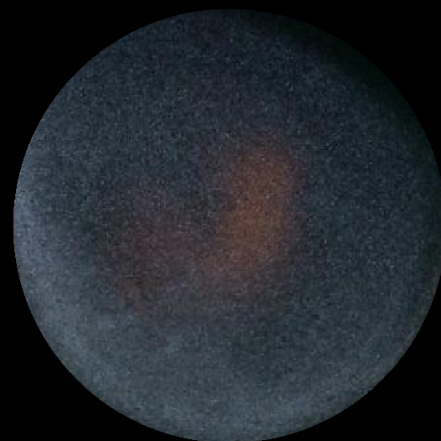
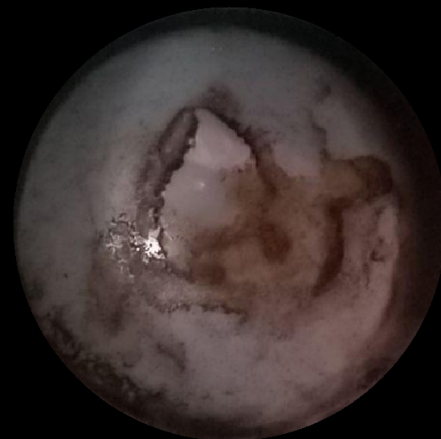
Para viajar, levar apenas o que é possível
carregar consigo. Todo o peso da paisagem
do Farol coube em meus braços. Segurei os
prédios vizinhos, uma parcela do Lago e
mais um pouco de Terra adiante,

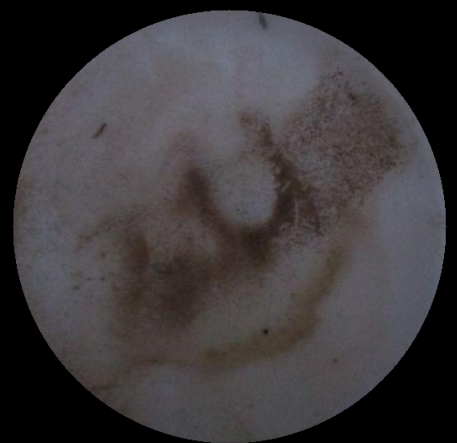
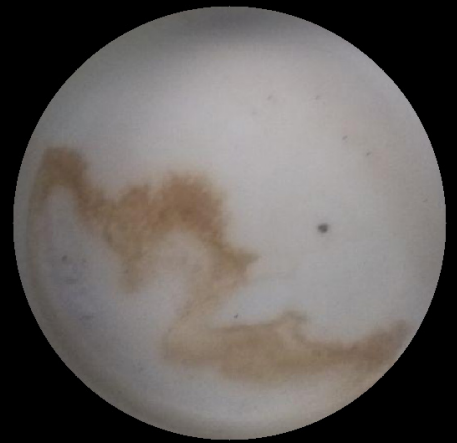
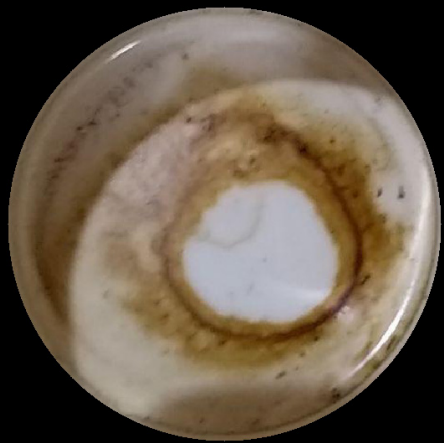
como se fosse mais uma pedra coletada do
gramado.

Descendo do Farol sem previsão de retorno, a linha do horizonte que as altitudes proporcionavam se fragmentou. Observo o lago agora de outros pontos de vista, mais próximos às águas, entre prédios e árvores, atravessando pontes ou explorando penínsulas e agora o céu é mais alto que nunca. Encontrando o Lago por novas margens, fica evidente que a interlocução com as águas não desaparece com a paisagem daquela janela, que a experiência se intensifica com o deslocamento necessário para enxergá-lo. Várias facetas possíveis se abrem diante de mim, sobrepostas àquela mesma imagem diária do alto do Farol.

Navegar em todas as distâncias: lupas e lunetas em mãos.

Raissa Studart. *Série Lunetas*, 2020.
Fotografias.

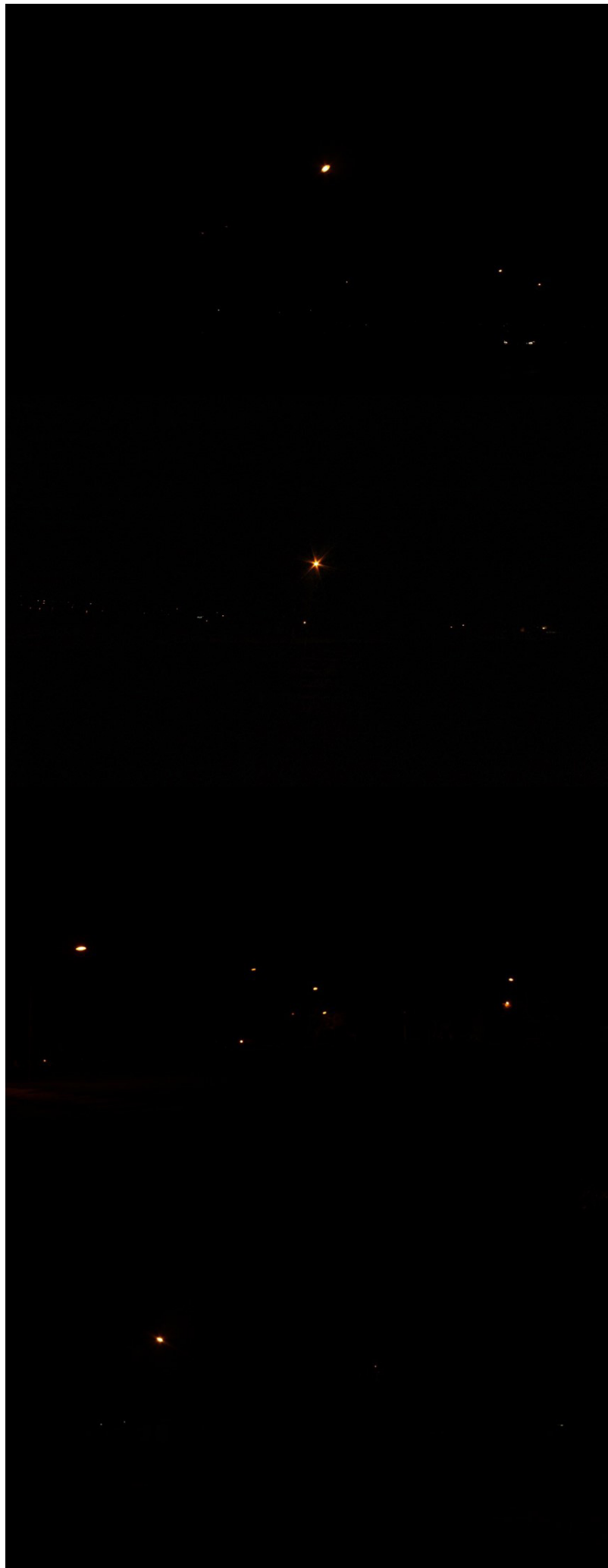




Caminhar olhando sempre para o chão é um privilégio diurno: despreocupação dos arredores. Os deslocamentos noturnos exigem atenção, o olhar do marinheiro sobe às estrelas para não se perder. Em *Constelações Urbanas* (2017), registro o céu que me guia nessas caminhadas, os postes de eletricidade dos arredores domésticos que apontam o caminho do Farol.

Os faróis fazem luz aos caminhos possíveis e esse Farol, próximo ao Porto Seguro, enquanto habitado pôde iluminar a viagem e ser companhia noturna de alguns marinheiros e pescadores queridos.

Raissa Studart, *Constelações Urbanas*, 2017.
Fotografias.



[Onde tudo começou]

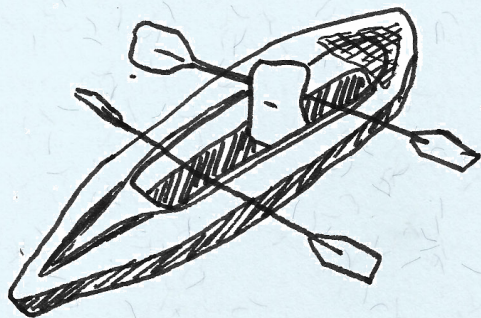
Foi do alto do farol que um murmúrio se instaurou, agitava como vento e chuva, ecoava na janela de vidro entre eu e o Lago. Foi aquele canto de sereia a apontar as direções necessárias para que pudesse me perder e chegar em Terras Caídas. Esse canto, que é do abismo¹, me puxava para a vila naufragada do Lago Paranoá e eu acreditei que era a água que tocava a arquitetura submersa que me interessava. Eu poderia ter navegado até aquela vila para ouvir daquelas águas e seria silêncio, talvez por que a água que me toca seja mais emergente ou por que eu estaria exatamente onde deveria estar. Nesse desejo pela linha do horizonte e pelo pote de ouro aos pés do arco-íris traço essa viagem junto das palavras, que são o “(...) *constante movimento e uma ininterrupta busca de se atingir o inalcançável.*”². O amanhecer dessa viagem foram as águas e, sobretudo, o Lago em lentos movimentos. Resguardado das grandes correntezas e marés sem ser imóvel, apenas *very still*³. E esse corpo lacustre mostra que é rio e mar, que faz terras despencarem às suas margens, que é miragem também. Esse relato de viagem “*gera assim uma geografia particular, nem aqui nem alhures, uma história própria, nem enraizada nem atópica, um espaço novo, nem fixo nem inapreensível, uma comunidade nova, nem estável nem durável*”⁴.

1 BLANCHOT, 2005, p.4

2 OLIVEIRA, 2014, p.140

3 Referência à música composta pela musicista Camille Ruiz ao Lago Paranoá, intitulada “2mn song for a lake looking very still”. Link de acesso: <https://soundcloud.com/camilleruiz/2mn-song-for-a-lake-looking-very-still> | Acessado em: 01/07/2021

4 ONFRAY, 2009, p.39



Rede de pesca

Cidade litorânea, cidade de pescador.

Maio de 2018 | Notas de viagem

A paisagem da janela era uma colagem de prédios de tamanhos irregulares e havia o mar, do jeito mais discreto que já o vi, um quadradinho emoldurado por prédio e céu.

Disseram que a casa era vazia. Mentira: havia um morador que usava frestas e rachaduras de porta, a maresia. O sal que o mar traz envelhece os metais facilmente. O sal enferruja, oxida, corrói as superfícies vulneráveis. É como se o tempo fosse mais rápido no litoral.

Imagino os metais de naufrágios que oxidam e pintam de ferrugem a paisagem do relevo oceânico.



Uma semana morando com a maresia: engulo o sal que fica na boca depois do mergulho, que sai dos olhos, que entra nas roupas, que racha os lábios, que levanta a pressão, que enferruja.

Brigida Baltar, A Coleta da Maresia, 2001. Fotografia.



Brigida Baltar, A Coleta da Neblina, 2001. Fotografia.

As águas doces do Córrego abrigam em seu leito pedras coloridas, suas tonalidades variando entre carmim e amarelo mostarda, as vezes encontro algumas roxas e outras pretas. Todas adormecem na minha palma naturalmente. Eu as pego úmidas e risco outras pedras mais rígidas para pintá-las. Essas pedras vêm do Leste.

Existe outra matéria interessante aqui: numa curva mais acentuada do Córrego é possível encontrar argila no fundo d'água, matéria adormecida e bem trabalhada pela água corrente e sedimentos acumulados na encosta.

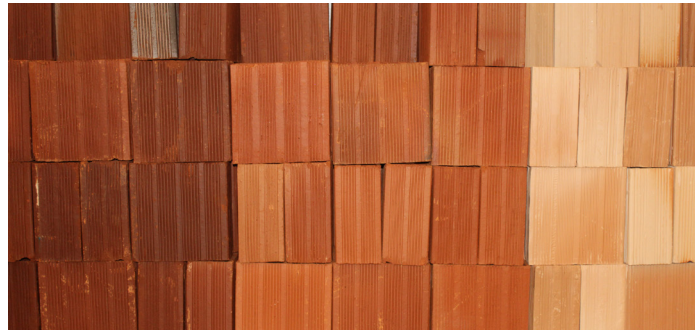
○ barro: alquimia terra-água.

○ barro: a primeira escultura.

○ barro: casa.

○ barro: enrubresce com fogo-ar.

A cerâmica: casa.



Registro de montagem da obra *Agregar-se* (2018) na exposição *Todo Espaço Entre* com curadoria de Yná Kabe Rodriguez



Raissa Studart. *Agregar-se*, 2018. Escultura.
Fotografia: Mateus Lucena

“O lago é um olho tranquilo. O lago recebe toda a luz e com ela faz um mundo. Por ele o mundo é contemplado, o mundo é representado. Também ele pode dizer: o mundo é minha representação. Ao pé do lago, compreende-se a velha teoria fisiológica da visão ativa. Para a visão ativa, parece que o olho projeta luz, que ele próprio ilumina suas imagens. Compreende-se então que o olho tenha vontade de ver suas visões, que a contemplação seja, também ela, vontade”¹

1 BACHELARD, 2013, p. 30-31



Raissa Studart. Superfícies, 2018. Frames do vídeo.

Uma proposta:

Escavar a terra com as mãos em busca do tesouro perdido mais precioso. A profundidade que o tesouro se encontra é exatamente a medida da sua mão: do punho à ponta do dedo médio. Existe um tesouro e uma palavra que o acompanha. É necessária atenção, ouça a língua das raízes.

“Há a memória das coisas - a história nos objetos nos instiga”¹

“A mão sabe que o objeto é habitado pelo peso, que é liso ou rugoso, que não está soldado ao fundo de céu ou de terra com o qual ele parece formar um só corpo. (...). O tato preenche a natureza de forças misteriosas”²

Escavar e pescar objetos do chão seria algum tipo de escultura por subtração, olhar o espaço e retirar matéria dele. Assim como é sair de casa. Aquilo que retiro da paisagem, que escolho para sentir o peso, a textura, as dobras e os encaixes possíveis nas mãos, carrego comigo

1 BALTAR, 2010, p.77

2 FOCILLON, 1984, p.11



Raissa Studart. *Das frágeis estruturas*, 2018. Objeto.



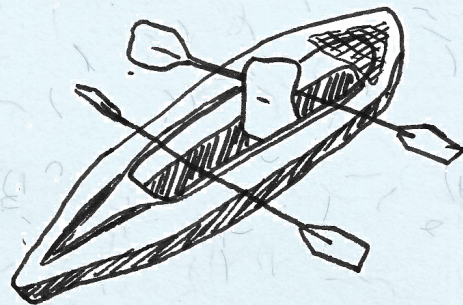
Raissa Studart. *Em que navio estou?*, 2018. Objeto.



Raissa Studart. *Bruma entre nós*, 2018. Pequena instalação.



Raissa Studart. *Bruma entre nós*, 2018. (detalhe)





Raissa Studart,
Das coletas,
2020. Livro de
artista.

2020

eu gosto de coletar
o que minhas mãos
dão conta de
carregar

em todo o colar
com pedras que o
vão conta de

carreter

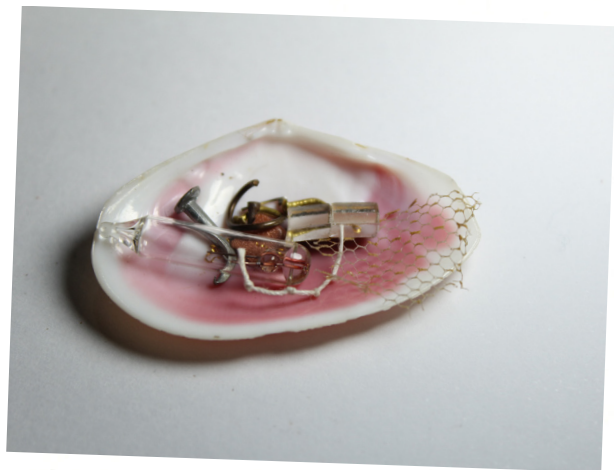
são pequeninas coisas
enferrujadas, quebradas
deslocadas, fragmentadas,
brilhantes,
turvas, curiosas,
que carregam algum tipo
de mistério

nires.

s

m

Raissa Studart,
Desastre, 2017.
Objeto.



enires.

as

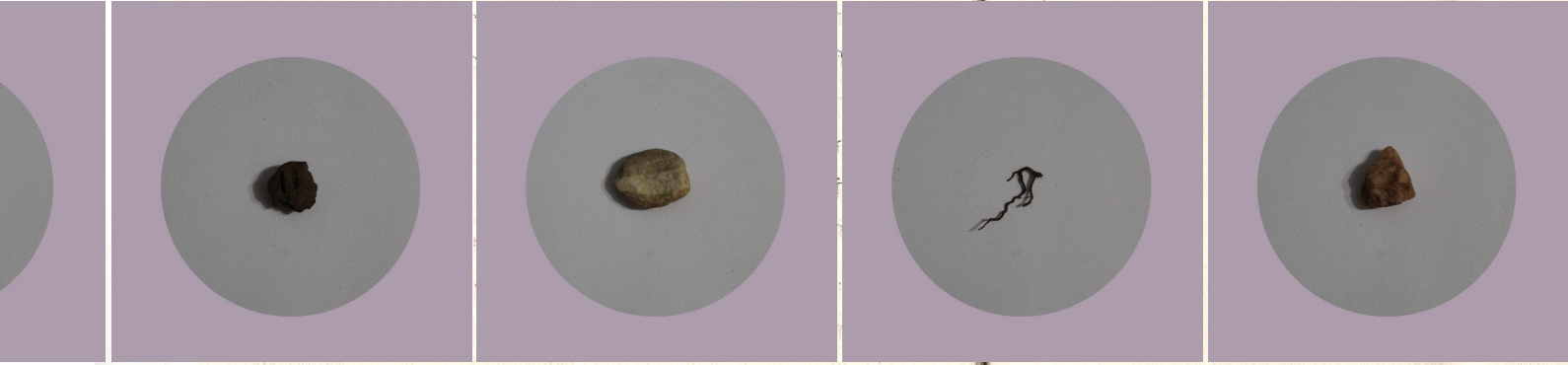
om

Pescas
Raissa Studart
Objeto
2017



durante alguns meses, enterrei
minhas mãos em diversas geogra-
fias, escavando à procura de
pistas, de extravios, de souvenirs.
atravessar camadas de chão do
jeito que ele permite às minhas
mãos. essas coletas, em sua
grande maioria, eram pedras com
muito a contar sobre a terra.

Quarante de plus vers, extérieur



pensando o chão como pais

às vezes as coletas permanecem
comigo em fotografia ou vídeo
são outras maneiras
de experienciar o tempo, que
misterio:
como cuidadosamente
abrigar esses estrangeiros?

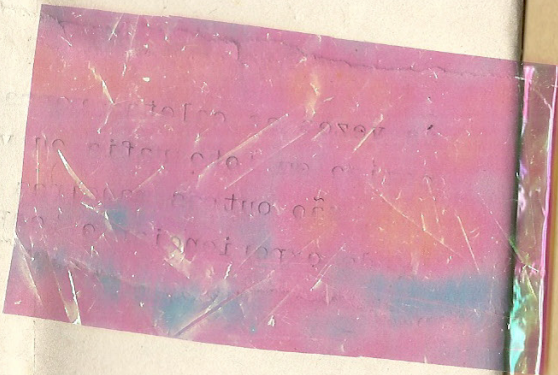
TERRA

...vezes as colinas
...do interior do Brasil
...outro lado
...o Brasil

pensando o chão como paisagem,
sempre andei olhando para as
rachaduras-rios das calçadas,
as crateras dos concretos, as
montanhas de terra vermelha.
nas distâncias percorridas com
os pés, muitas vezes pesquei
os objetos que emergem nessas
paisagens - muitas vezes o que
mais me cativa é o mistério:

como cuidadosamente
abrigar esses estrangeiros?

TERRA

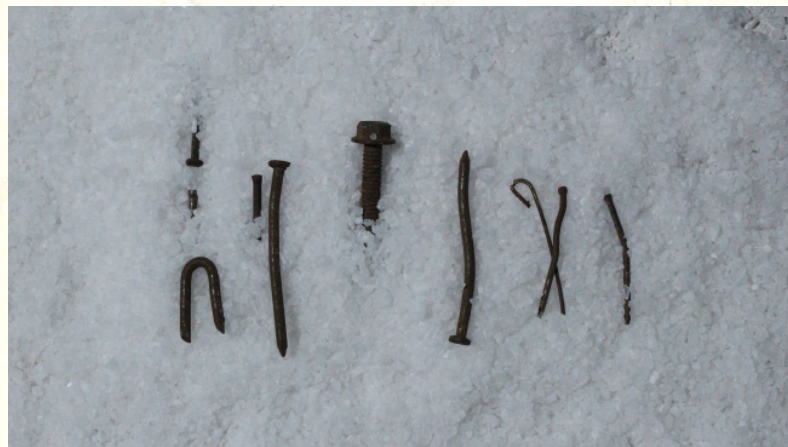


pensando o chão como paisagem,
sempre andei olhando para as
rachaduras-rios das calçadas,
as crateras dos concretos, as
montanhas de terra vermelha.
nas distancias percorridas com
os pés, muitas vezes pesquei
os objetos que emergem nessas
paisagens - muitas vezes o que
mais me cativa é o mistério:

como cuidadosamente
abrigar esses estrangeiros?

TERRA

cama de sal
para metais
enferrujados



debaixo de uma ponte estragada no
interior do Goiás, sentei-me junto
ao riacho frio e raso.
juntei 18 pedras, todas coloridas,
todas péssimas marinheiras.

raissa studart pescador
2019 fotografia

Raissa Studart, Pescador,
2019. Fotografia.

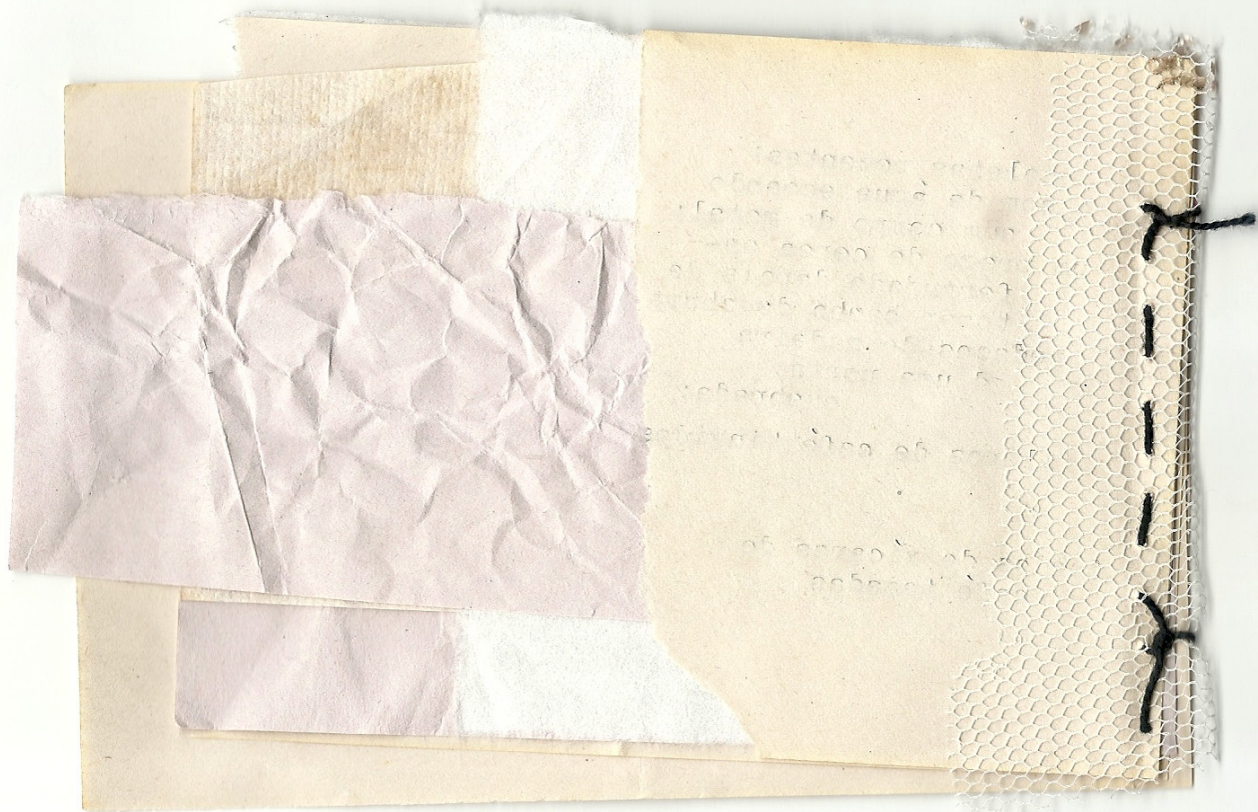


a mesa de trabalho
é um campo de convergência
das pescas, rios distantes
se dobram e se somam.
outras geografias surgem.

Raissa Studart,
ilha-abismo, 2018.
Pequena instalação.



coletas recentes:
o som da água ecoando
num corpo de metal;
um prego de cerca en-
ferrujado depois de
tomar banho de chuva
; pedaços de madeira
d'uma porta
quebrada;
filtros de café tingidos
;
fundos de xícaras de
café tomadas







Cartas Náuticas

Resumo

A pesquisa *Terras Caídas: como navegar em águas rasas* compreende o percurso da artista-pesquisadora no Programa de Pós-Graduação (2019-2021) como uma viagem, tendo como ponto de partida a sua relação com as águas do Lago Paranoá e seu desejo de navegá-lo e mergulhá-lo. O texto apresenta-se em 19 diários de bordo, organizados em três categorias: Instrumentos de navegação, onde se discorre sobre interesses norteadores da pesquisa; Âncoras, que são lugares específicos visitados na viagem; Navegações, que reúne relatos quando em movimento ou entre um lugar e outro. Vale ressaltar que essa pesquisa foi projetada para publicação impressa, a fim de pensar em uma estrutura que permita o leitor um mergulho no texto com as mãos, iniciando a leitura na ordem que assim desejar.

Palavras-chave: geopoética, água, viagem, diário de bordo, mapa

Abstract

The research *Terras Caídas: how to navigate in shallow waters* comprises the path of the artist-researcher in the Graduate Program (2019-2021) as a journey, having as a starting point her relationship with the waters of Lake Paranoá and her desire to navigate it and dive into it. The text is presented in 19 logbooks, organized into three categories: Navigation instruments, which discusses the research's guiding interests; Anchors, which are specific places visited on the trip; Navigations, which gathers reports when on the move or between one place and another. It is noteworthy that this research was designed for print publication, in order to think of a structure that allows the reader to dive into the text with their hands, starting the reading in the order they want.

Keywords: geopoetics, water, journey, logbook, map.

*Esta paisagem? Não existe. Existe espaço
vacante, a semear
de paisagem retrospectiva.
A presença das serras, das imbaúbas,
das fontes, que presença?
Tudo é mais tarde.
Vinte anos depois, como nos dramas.
Por enquanto o ver não vê; o ver recolhe
fibrilhas de caminho, de horizonte,
e nem percebe que as recolhe
para um dia tecer tapeçarias
que são fotografias
de impercebida terra visitada.
A paisagem vai ser. Agora é um branco
a tingir-se de verde, marrom, cinza,
mas a cor não se prende a superfícies,
não modela. A pedra só é pedra
no amadurecer longínquo.
E a água deste riacho
não molha o corpo nu:
molha mais tarde.
A água é um projeto de viver.*

Carlos Drummond de Andrade, Paisagem: Como se faz

Eu bordo como caminho: um pé na frente do outro como um ponto na frente do outro, uma linha atravessa a superfície marcando o percurso. Começo circunavegando o litoral, onde a fronteira da água e terra dançam no vai e vem das vagas. Depois avisto montanhas no horizonte: de lá pego carona com as nascentes, escorregando até ficar tonta nos meandros dos rios que cavam terra até o mar. Por vezes algumas matas aparecem densas, sempre às margens. Como na caminhada, que a paisagem se apresenta lentamente, se inscreve no olhar e no tecido em igual lentidão, me mantendo no presente ao mesmo tempo que me leva a outros lugares além do aqui e agora. A caminhada é em silêncio para contemplar a geografia e sua relação com o clima. Eu também bordo como navego, alinhavadas rápidas pela costa cor de terra de diversas ilhas. A agulha mergulha e depois retorna a superfície do mapa, marcando a respiração com a linha azul.

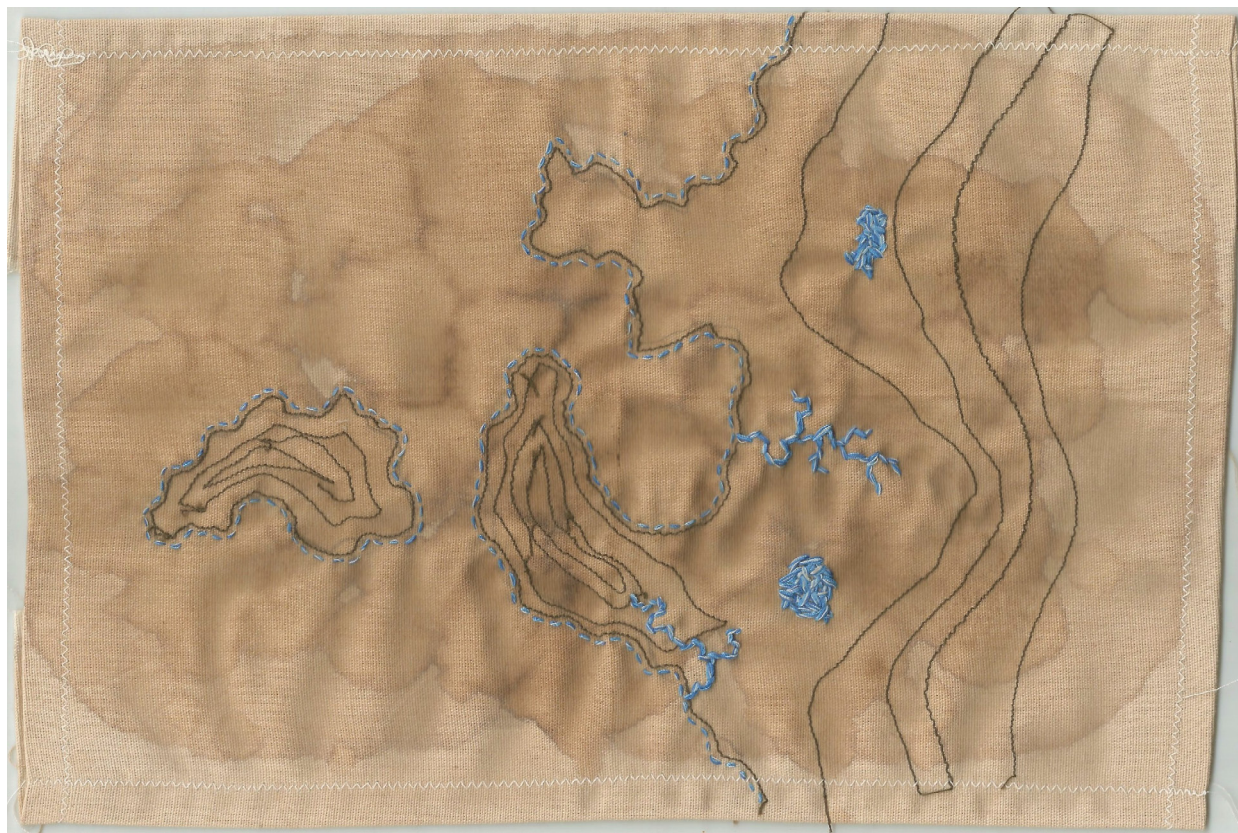
Essas cartas náuticas são mapas para navegar tanto quanto são relatos de viagem.



Raissa Studart, *Farol*, 2021. Bordado. | Fotografia: João Angelini



Raissa Studart, *22 de janeiro, à procura do tesouro perdido*, 2021. Bordado.



Raissa Studart, *23 de novembro, na nascente ao pé da montanha*, 2021. Bordado.



Raissa Studart, *13 de julho, à deriva*, 2021. Bordado.

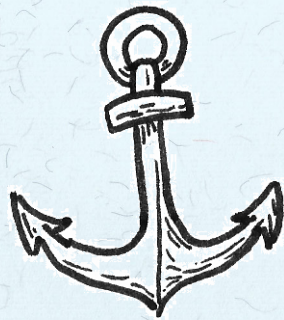


Raissa Studart, *26 de maio, no banco de areia lacustre*, 2021. Bordado.



Raissa Studart, *28 de julho, nas planícies entre os Lagos do Sudeste*, 2021. Bordado.

meus agradecimentos a mãe;
a luz de velas;
aos docentes que fizeram
do mundo algo possível;
ao oceano que chamo de
mãe, por fazer a mar-
gem de nossas mãos
iguais;
as queridas pessoas que par-
tilharam essa viagem
comigo.



8°50'54.5"S
64°00'05.5"W

“O rio carrega a montanha. O rio é o veículo da montanha. Os golpes, os choques, as mutilações violentas que o rio inflige as rochas maiores, nelas batendo com as pedras menores, a infiltração das águas nos leitos miúdos, nas falhas, destacam pedaços de blocos. Tudo serve para esboçar a forma - fruto de um trabalho contínuo feito de grandes e pequenos choques, de vagarosas passagens de areia, de estilhaços cortantes, da lenta fricção de grandes pressões, de choques surdos.”

Giuseppe Penone, in Ser Crânio

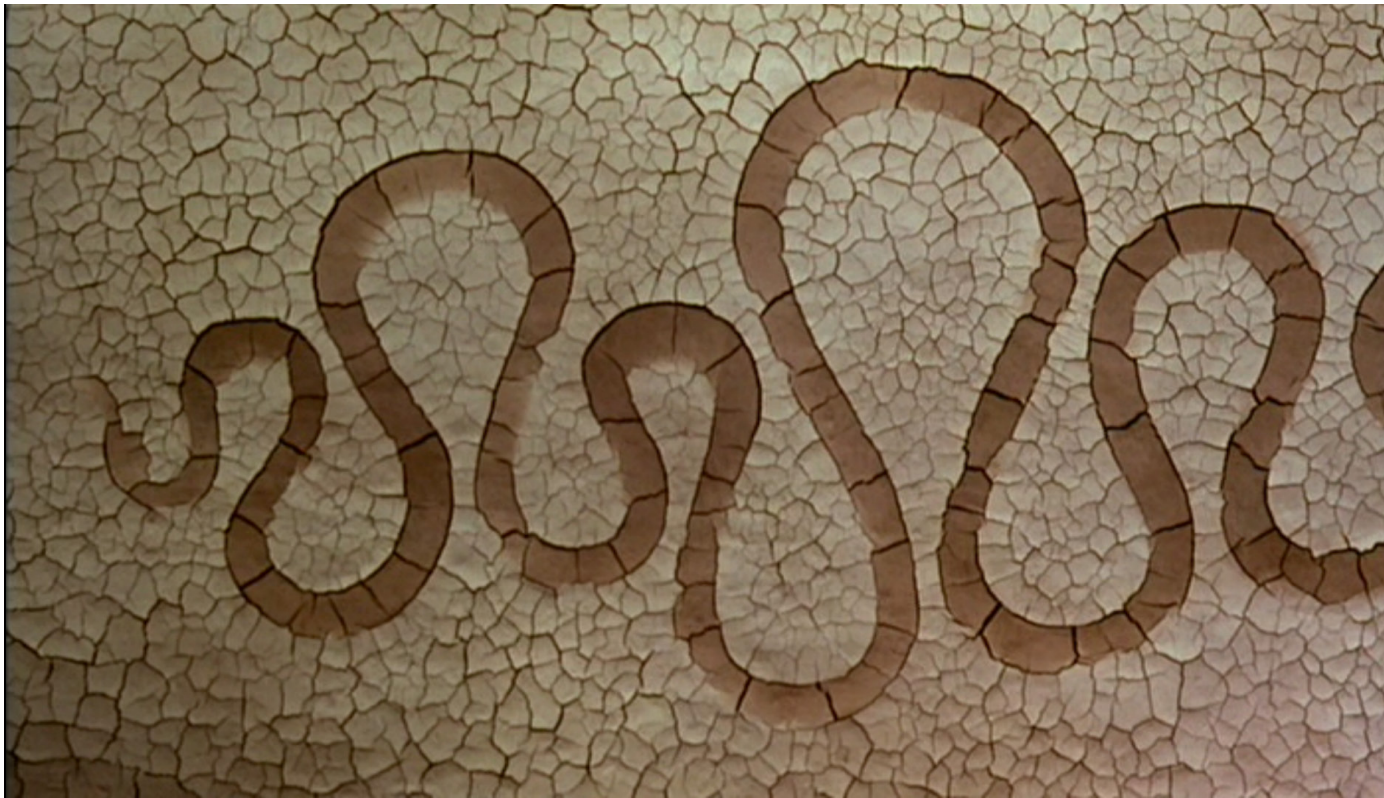
Seguindo a Oeste de casa, encontro a Cordilheira dos Andes escondendo aos olhos o Oceano Pacífico. Suas montanhas se estendem no eixo Norte-Sul e também se estende aos céus. Em alguns de seus cumes, que também se chamam ilha, nascentes d'água escorrem superfície abaixo derretendo gelo no caminho ao chão.

“Um rio quase sempre exagerado: nasce como um fio de água que escorre em meio de rochas a 5.500 metros de altitude em um ponto próximo de uma montanha conhecida como o nevado Mismi, nos Andes peruanos, forma cachoeiras monumentais e acolhe águas turvas, cristalinas e escuras de outros 7 mil rios. É eixo de uma bacia hidrográfica do tamanho de dois Méxicos, que despeja no Atlântico 3 milhões de toneladas de sedimentos por dia, como se corresse e carregasse em quase um mês um morro como o Pão de Açúcar, a rocha mais famosa do Rio de Janeiro”¹.

1 Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/as-primeiras-aguas-de-um-rio/> . Acesso: 17/11/2020

Essas pequenas nascentes das montanhas esculpem a superfície rochosa, acelerando a velocidade do curso como recompensa de sua lapidação corrente. A formação das Cordilheiras dos Andes foi um evento rápido geologicamente, choque entre duas placas tectônicas, e desde então é responsável por parte do clima chuvoso que alimenta o Lago Paranoá – os ventos viajam por quilômetros até colidir com a cordilheira e serem rebatidos para o Planalto Central. Para o tempo geológico, lagos são corpos d'água efêmeros (principalmente devido a acúmulos de sedimentações) e talvez, antes de ser rio, o Amazonas tenha sido lago aos pés dos Andes.

O lago virou rio, as águas começaram sua viagem ao Oceano.



Frame do documentário *Rivers and Tides* (2001) do artista Andy Goldsworthy.

O rio sabe bem correr e suas marcas na terra são intimamente ligadas às chuvas: o aumento do volume hídrico acelera a correnteza, fazendo que o encontro da água com a terra reelabore os meandros de seu curso. Quando muito intenso, ocorre o fenômeno que pode ser chamado de “Terras Caídas”, em que os rios enfraquecem a margem de terra, deixando-as suscetíveis a afundar nas fortes correntezas.

As águas fluviais escavam o chão que percorrem, inscrevem seu habitat na terra.

O rio vai mudando de nome e continua sendo o mesmo, não há fronteira no curso d'água que anuncie um novo rio. O rio Amazonas é Madeira e Rocha e Beni e Japurá e Putumayo e Juruá. Dentro do rio é possível ouvir todos esses nomes simultaneamente, as águas estão todas misturadas sem fronteira. Os pensamentos casam muito bem com essa paisagem de dentro do rio: no seu talvegue onde tudo é mais rápido, as palavras cantadas se misturam com todas as gotas que pulam para fora do curso como que fervendo, irrigando a margem em volta. Existe um fluxo constante dos barulhos desse rio apressado que torna difícil discernir e separar palavras e imagens. Pensamento-rio, uma agitação e fluxo vivo de memórias desordenadas, anacrônicas e fragmentadas que dançam juntas para águas salgadas.



Richard Long, River Po Line Italy, 2001. Fotografia.

“Paisagem-evento, ela se abre a partir do ponto sensível do presente, na confluência exata de uma duração pessoal de tempo e do aparecer das coisas neste instante. Mais ainda, toda paisagem apresenta uma espécie de velocidade própria, que corresponde à forma do encontro entre o que chega e a sensibilidade que para ali se transporta”¹

1 BESSE, 2014, p. 100.

Eu não sei quanto tempo demorei a enxergar o Atlântico na banheira, as cataratas na torneira, os rios escorrendo pelo vidro na chuva: as águas ubíquas são essas que vão para fora, que me levam a outro lugar, mas que ainda é presente. As escalas são elásticas e uma gota d'água bem poderia ser a hidrosfera a qual habitamos, desproporção sabida por Odisseu frente ao Oceano, em lágrimas¹. Quando Besse apresenta o ponto sensível, aponta que ele é uma brecha quando atingido, que sendo 'cutucado' pode ser reanimado em outras ordens: as águas ubíquas são essas que em sua ruptura me carregam por outros relevos, por dobras no espaço que justapõe meu copo d'água aos buracos azuis das Filipinas, provocando-me a mesma vertigem.

1 GRÜBEIN,2010, p114

Meu pai nasceu em águas continentais, em Porto Velho, contagiado pelo Rio Madeira. Apresentando-me um de seus poemas, relatou a sua dificuldade nas aulas de geografia, pois passava pelas margens do Rio para chegar até a escola e, sentado na sala de aula ao lado da janela, assistiu a sua professora estender um grande mapa da cidade de frente à turma. Naquele momento ela explicava de onde vinha o Rio Madeira, falava de sua extensão e de como torna-se o Rio Amazonas mais adiante. Aquele papel nada significava a ele, pois via o Rio pela janela correndo solto e não preso num mapa.

Interessada pela vivência de Rio, a mim limitada, encontro-a nos manuscritos de poesias do meu pai, material lido postumamente. Foi num momento crucial de duvidar da água na minha pesquisa quando encontrei vários versos sobre o Rio Madeira no fundo do armário, grande parte escrita num tom de despedida, de saudade. Assim como carrego o Lago Paranoá nos olhos para onde vou, percebo que o Madeira nunca deixou de se mesclar ao Lago toda vez que ele olhava a janela do alto do Farol pela manhã. Habitamos juntos este Farol por sete anos (depois continuei ali por mais onze anos), vigiávamos os veleiros e lanchas e luas cheias que afundavam na noite. Hoje vejo águas doces de Rio em mim, no Lago, em suas palavras.

Pertencente à maior Bacia Hidrográfica do Brasil, o Rio Madeira é vasto e forte, com uma pressa atraente e turbidez terrosa. Atravessando o continente, de Oeste a Leste por centenas de quilômetros, o rio de vários nomes vai se aproximando da maresia.

Meu pai nasceu em águas continentais, minha mãe em águas oceânicas, no meu corpo eles ainda se encontram e se confundem.



Alina Duchrow, *Quem me encontrar parado me empurre para o meio*, 2018. Frame do vídeo.



15°47'48.9"S
47°47'09.8"W

Existe uma diversidade considerável de texturas e densidades perceptíveis pelos pés ao caminhar dentro do Lago Paranoá, o chão submerso cambiando entre movediço na areia e inflexível nas duras pedras.

Um desejo: mapear o solo com a sola dos pés: fazer sentido da paisagem vista acima da superfície com o que se sente com os pés.

“Um lago é a paisagem mais bela e mais expressiva. É o olho-da-terra. Mirando-se nele, a gente mede a profundidade de nossa própria natureza”¹.

1 THOREAU, 1985, p.140.

Em 1892 ocorreu uma expedição para demarcar o território destinado a ser Brasília: a Missão Cruls. Após a viagem e coletas das investigações da fauna e flora local, emitiu-se o Relatório Cruls que indicava volumosas águas de qualidade e apontava também a altitude do Planalto Central, que varia entre 1000 e 1200 metros. Os cientistas da expedição declararam que este solo poderia ser considerado um antigo continente, uma ‘ilha goiana’¹ na Terra submergida de outras Eras geológicas. O verso de Ana Martins Marques “este prédio só poderia existir / na ausência do mar”² (MARQUES, 2017, p21) me leva ao Lago Paranoá, é pela distância do mar que esse corpo poderia ser formado. Essa falta tão nítida do mar pelo céu baixo e horizonte amplo da cidade que é terra de sede (os lençóis d’água fugindo por debaixo dos nossos pés para chegar ao mar). Avaliando o mapa hidrográfico feito na expedição que os especialistas identificaram a possibilidade de fazer uma “obra de arte”³ a fim de formar um lago “navegável em todos os sentidos”⁴ e isso me faz questionar: como o chão afirma ser um bom Lago? Como esse terreno precisa ser, como ele nos diria que seu corpo aguenta um outro, líquido e pesado?

1 VASCONCELOS, 1978, p. 145

2 MARQUES, 2017, p21

3 Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/09/12/interna_cidadesdf,782008/60-anos-de-historia.shtml.

Acesso em 17/11/2020

4 Idem.

Os lençóis freáticos do Cerrado abastecem três grandes aquíferos - Rio da Prata, Rio Tocantins e Rio São Francisco¹-, trabalho velado, mas de grande impacto na geografia como conhecemos. Diante do descaso e consequente destruição dos corpos d'água por não serem vistos, a artista Isabela Prado desenvolve seu projeto “Entre rios e ruas”, em que instaura placas dos diversos córregos e rios escondidos pela própria cidade de Belo Horizonte. Isabela estabelece uma nova geografia aos que atravessam a cidade, os rios passam a guiar os viajantes assim como as ruas.



Isabela Prado, Entre Rios e Ruas. 2006-2020. Intervenção urbana.

¹ SOS Cerrado, Produção RW Cine, TV Brasil, 2012. (7'16")
Link de acesso: https://youtu.be/1WVG-VT_Je40. Acessado em:

Em meus devaneios juvenis, acreditava que o lago ser artificial implicava em águas estrangeiras, águas trazidas de outras cidades e estados do País, associando com a vinda de tantos brasileiros de regiões diversas ao Distrito Federal para a construção da capital. As águas vinham de helicópteros e caminhões-pipas interestaduais e despejadas numa grande cratera cuidadosamente cavada no formato do Lago, como se fosse tudo feito por medida, tudo calculado e projetado.

Quando atravesso a Barragem,
a vertigem que me causa é maior
do que a ponte mais
alta da cidade.

Encarando o Oeste,
vejo uma larga enseada
a nomear o Lago,
com águas tranquilas,
favorita de mergulhadores,
circundada por árvores.

Sinto o peso da água
contra o concreto do muro-
ponte.

Quando atravesso a Barragem,
a vertigem que me causa é maior
do que a ponte mais
baixa da cidade.

Encarando o Leste,
vejo um grande vale
coberto de árvores extremamente verdes.
Da linha do horizonte ao fundo do
vale, vejo as copas redondas das árvores
sem saber ao certo a altura das mesmas.

Sinto o frio na barriga
de frente ao
abismo.



Registros da performance *Travessia* (2020), realizada na exposição-expedição *Coordenadas Cadentes*¹.

¹ *Coordenadas Cadentes* é uma ação coletiva de intervenções artísticas desenvolvida por 23 artistas pesquisadores (mestrandos e doutorandos) do PPGAV-UnB que cursaram a disciplina *Métodos e Processos em Arte Contemporânea 1*, ministrada pela Prof^a Dr^a Karina Dias em 2019.







Ilha do Retiro - Lago Paranoá | Altitude 1000 m | 1.0 hectare | 10 ocupantes
Ilha Brabant - Antártica | 976.8 km² | Distância 6891 km

0 100 m

O grupo de pesquisa Vaga-mundo: poéticas nômades (CNPq) faria uma expedição à Antártica a bordo de um veleiro, em 2015¹. Quando a partida teve de ser adiada, o grupo mudou a rota para explorar uma distância próxima: a Ilha do Retiro, no Lago Paranoá. Conseguiram empréstimo de uma embarcação para atravessar as vagas de dimensões oceânicas que o Lago apresenta, a escala parece mudar de acordo com a rota traçada na navegação. Lá passaram um dia inteiro longe do continente.

1 BARBOSA, Iracema e DIAS, Karina e [Orgs], 2018, p.255

Encarando a face Leste da ilha, agitadas águas nos separam. Elas cantam glu-glu e clap-clap alternadamente dançando com todos os sedimentos do Lago, fazendo uma mistura que nunca se assenta mesmo com águas calmas. Na vídeoperformance caminhar –ilha, carrego comigo os tijolos de casa e atravesso o mesmo Lago em direção à mesma ilha andando, onde o chão é areia e se prende entre os dedos, a vau me lembra a de um largo rio. Honestamente, achei que cairia num abismo antes de chegar à outra margem.



Raissa Studart, *Caminhar -ilha*, 2016. Frame do vídeo.



Mergulho no Lago Paranoá - 13/06/2015

Com olhar atento ao lago, conhecendo sua geografia, chega a mim essa inquietude que Dardel aponta, como um burburinho que vem das profundezas:

“O canto das águas parece cheio de subentendidos, como sua claridade é cheia de claros-escuros. E o espaço líquido para, se espalha na imobilidade real do lado. Mas o vasto silêncio das águas não é da mesma natureza que o grande silêncio da floresta; sua imobilidade não tem o mesmo valor que a fixidez da planície; é uma imobilidade retida, recolhida, um repouso logrado de uma inquietude”¹.

Confesso que saber da existência de uma vila submersa no fundo do Lago afeta o jeito que percebo as suas águas superficiais: mostram-se mais opacas, capazes de esconder tão bem a vila que ali adormece.

1 DARDEL, 2015, p. 20-21.

As águas do Lago Paranoá pelo olhar da artista Julia Milward:

“Ando pelas margens da ilha onde a terra é composta por resíduos das construções que contornam o lago. (...). As nuances do solo de sobras combinadas com as da abóboda celeste e as da superfície aquática do lago resultam numa aparência líquida viscosa prateada maculada de púrpura, coral claro, ocre e cerúleo. (...). Ensaio uma definição do primeiro semblante notado sobre as águas do lago e declaro que foi uma cadeia montanhosa de cumes luminosos vistas de cima, do ponto de vista de um balão ou do 163º andar de um prédio”¹.

1 MILWARD in BARBOSA, Iracema e DIAS, Karina e [Orgs], 2018, p.283.



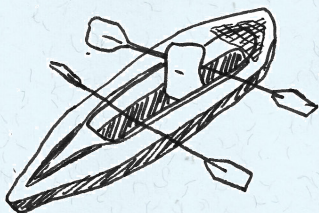
Olafur Eliasson, *Fog Assembly*, 2016. Site specific.

Quando o Lago se esconde
debaixo de uma neblina es-
pessa, é como se quisesse flu-
tuar em segredo.

Do alto da Ponte JK olhando a superfície do lago, meu olhar percorre a superfície aquática a procura do ar, guiando-me pelo movimento das ondas. Se o ângulo do sol estiver favorável, podemos nos projetar nas águas sem de fato entrar nela. Em *Le Petit Pont* (2004) a artista registra de uma ponte a sua sombra projetada nas águas. Essa silhueta submerge e afunda nas águas verdes e turvas acompanhando o sol, um duplo que vem das profundezas.



Karina Dias, *Le Petit Pont*, 2004. Frame do vídeo.



Splash

“Para pensar, é preciso então manter-se próximo às coisas, na sua zona de contato. Mas é preciso poder, inversamente, deixar-se tocar, deixar-se atingir pelo mundo que vem”.¹

1 BESSE, 2014, p.105.

Depois de molhar as plantas do jardim, rego os meus pés. Direciono a mangueira para um palmo abaixo dos joelhos e deixo ir escorrendo até a ponta dos dedos. A água gelada é no presente.

Convite a sentir o vento percorrendo o corpo molhado.

Água morna é sutil ao envolver o corpo, é de uma certa densidade macia, quase veludo.

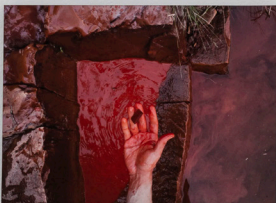
É um tipo de entrega, molhar-se e andar na chuva, abraçar a sensação da roupa grudada na pele, a visão embaçada dos olhos apertados para não inundar, os sapatos transbordando água.

Das águas pintoras:

Em *Águas de pintar* (2019) as pedras de rio embaladas em tecidos de algodão são encharcadas para dissolver seu pigmento em seu embrulho. As águas da chuva são solventes dos pigmentos das pedras de rio, desgastando-as e se misturando aos sedimentos de sua superfície fazendo tinta.



Raissa Studart. *Águas de Pintar*, 2019. Instalação.



César Becker. *Processos de sedimentação*, 2018.
Fotografia

Das águas esculoras:

“Devido ao mar, as praias estão em constante transformação. O espaço marinho está sem cessar, em movimento; ele é uma potência, aquilo que a geografia científica chama de ‘agente’”¹.

As águas dos rios também esculpem a terra ao deslocar seu leito com o tempo.

1 DARDEL, 2011, p. 22

“O trabalho foi dado ao mar como um presente. E o mar tomou o trabalho, e fez com ele... mais do que eu jamais havia esperado”.¹ (tradução nossa)

1 Em original: “The work has been given to the sea as a gift and the sea has taken the work and made more of it than I could have ever hoped for”. GOLDSWORTHY, in *Rivers and Tides* (2001), 30”.

Três casas de concreto para habitar as águas
do Córrego Capoeira do Bálsamo.

Assistir as águas esculpindo as casas de perto.

Avistadas pela última vez em meados de
novembro de 2015, uma grande tempesta-
de levou as pesadas arquiteturas no curso
d'água.

Meu presente para o Lago Paranoá.



Raissa Studart, *Reverdecer*, 2015. Escultura.



Raissa Studart, *Reverdecer*, 2015. Escultura.



Raissa Studart, *Reverdecer*, 2015. Escultura.

Eu percebo a água me esculpindo quando meu esmalte sai da unha depois de lavar louça, quando as notas-lembrete de esferográficas feitas no dorso da mão se embaçam numa mancha difusa, quando vales e montanhas se formam na ponta dos dedos enrugados após lavar roupa, quando meus olhos incham depois de chorar.

Caminho com o Rio do Esquecimento de Galleano, “*quem cruza o rio do Esquecimento chega à outra margem sem saber quem é ou de onde vem*”¹. Como se houvesse um sumidouro nas águas, como se algo ali estivesse engolindo parte de nós.

Essas águas que somem com nossas memórias, para onde as levam? A vida é levada por gotas d’água ao mar.

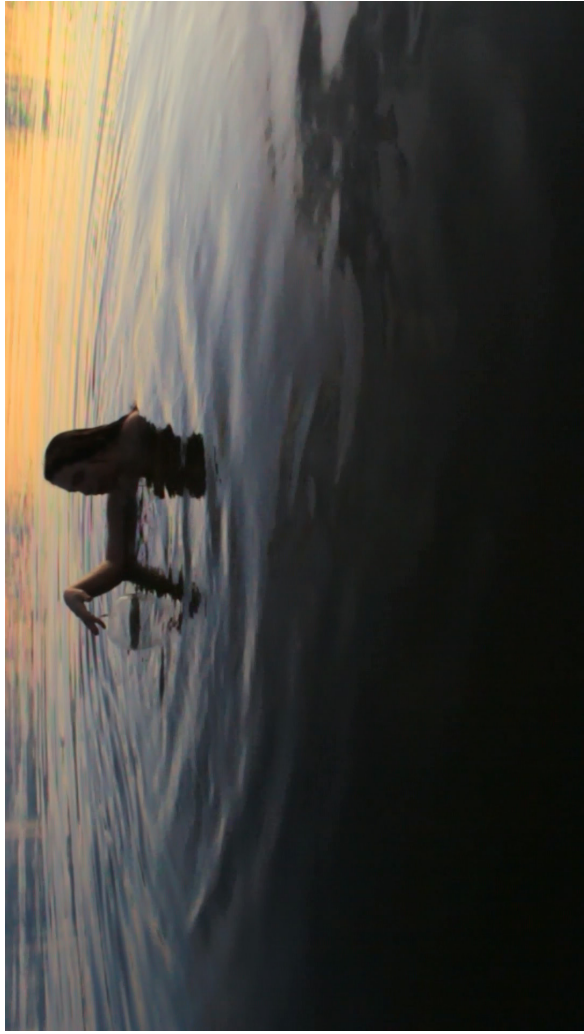
1 GALEANO, 2019, p.112

Nos movimentando na paisagem, há sempre algo que não conseguimos ver, dobras no espaço que vão aparecendo conforme o ângulo e a luz vão cambiando. Ao me deslocar dentro d'água sem conseguir ver o chão, ocupo duas paisagens simultâneas que convergem no meu corpo. Vejo a superfície lacustre e o céu, sinto as montanhas de areia e pedra submersas. Em *Anoitecer* (2018), pesco essa matéria adormecida do fundo do Lago e deposito num aquário que flutua na superfície. Nesse vídeo, as cores da água mudam lentamente, como o clima: “[...] embora percebamos mudança nele (o clima), não temos um conhecimento claro de seu começo e de seu final. Em um dado momento, estamos quando estamos”¹.

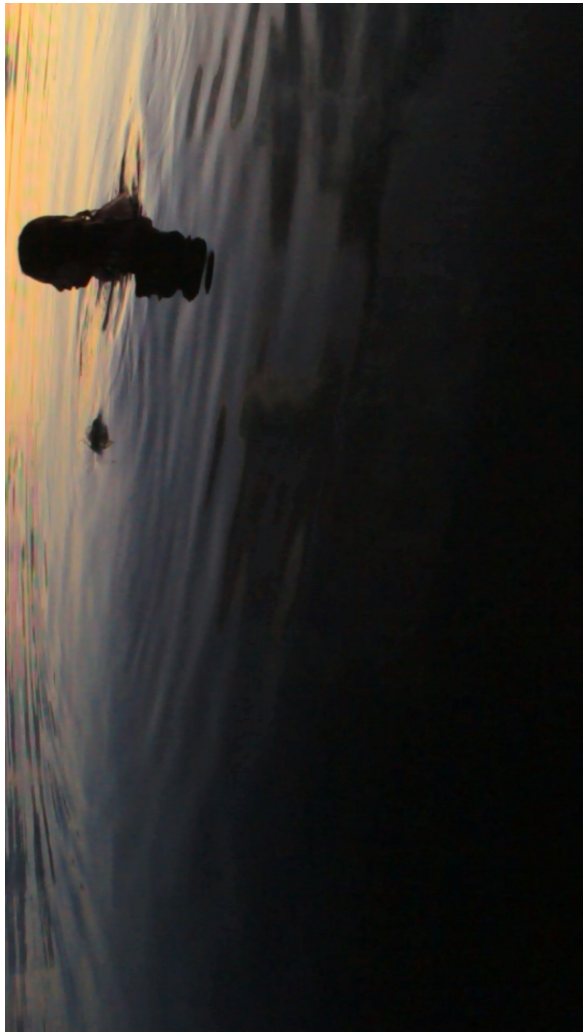
1 CAGE in FERREIRA, Gloria e COTRIM, Cecilia[Orgs], 2006, p.333



Raissa Studart. *Anoitecer*, 2018. Frame do vídeo.



Raissa Studart. *Anoitecer*, 2018. Frame do vídeo.



Raissa Studart. *Anoitecer*, 2018. Frame do vídeo.

Vejo a água descendo ralo abaixo na pia,
evaporando do suor da pele, desaparecendo
na terra e desejo ser levada junto.



??°??'??..?"NS

??°??'??..?"WE

(Triângulo das Bermudas)

In Memoriam
de
João Batista Studart
Gurgel & Matilde
Monteiro dos Santos

Hoje eu sonhei que morria num submarino pela segunda vez. Eu caminhei, caminhei em terra pedra, não pude encontrar canto algum de repouso imediato: eram muitas paredes ocupadas por conversas privadas ou indagações para que o descanso fosse possível. Não demorei a alcançar o jardim atravessando uma sala de larga extensão, piso de madeira, parede toda de vidro. O gramado ascendia num leve morro que escondia algumas ruínas e um porto, onde um submarino se preparava para mergulhar. Foi pouco depois de entrar na embarcação que percebi não ser a primeira vez que me sentava naquela cabine que colocava o cinto que sentia a pressão dos ouvidos aumentar que via o dia escurecer na queda. Éramos seis, contando com o piloto. Quando chegamos ao relevo oceânico soube que estávamos fadados a ali ficar. Se eu me permitir me perder, eu volto? O que encontramos mais à frente na viagem me distraiu completamente do desejo de fuga: uma linda e larga rua, chão de pedras portuguesas, corais multicoloridos que pareciam vestir arco-íris. Havia alguns postes de luz iluminando a via, algumas lojas abandonadas também estavam acesas. Cruzamos a rua e nesse momento furta cor perdi a noção de horizonte: mergulhamos no azul novamente. Alertei

o piloto que deveríamos voltar a superfície prontamente e recebi uma risada debochada. Estava tudo bem e ele me provaria fazendo sua manobra mais recorrente, a de atravessar uma fenda justa em um desfiladeiro submarino. Era ali, naquele corredor estreito de paredes completamente vazias e silenciosas que iríamos ficar e consegui me lembrar exatamente da primeira vez que morremos naquele submarino, quando o mundo anoiteceu a nossa volta.

“Desaparecimento [...] é uma entrada suave para simplesmente não estar aqui. Quando imagino o rio, é algo em que posso entrar, algo que vai me envolver, vai me levar embora daqui [...]. É reconfortante imaginar que uma vez que você está dentro nele, você não vai mais ser visível e também não vai ver nada.”¹

1 Em original: “Disappearance [...] is a soft entrance to simply not being here. When I imagine the river it’s something I can enter, something that will surround me, take me away from here. [...] It is comforting to imagine that once you are in it, you won’t be visible any longer and you won’t see anything either. ”. *Saying Water* (2001), Roni Horn.

O Triângulo das Bermudas não é acessível por terra, é preciso navegar ou voar. Ao Sudeste de onde moro, em algum lugar do Oceano Atlântico, triangulado por algumas ilhas de referência, está essa região de sumidouro. Navegamos até lá com a embarcação Challenger, cruzar esse recorte oceânico para ouvir naquele espaço a paisagem. O barco é ilha em deslocamento, ambos compartilham da fragilidade do chão rodeado e envolvido por água. Antes de partir, reuni relatos de navegadores¹ sobre suas próprias experiências na região e pude fazer uma pequena lista do tesouro, para descobrir se poderia ocorrer o mesmo comigo:

- Onde pessoas desaparecem, embarcações somem e por vezes reaparecem vastas distâncias depois;
- Onde o que voa pode naufragar também;
- Onde bússolas não funcionam;
- Sem testemunhas;
- Quando as águas e o céu se misturam (o horizonte some) e não vemos onde estamos (ou estamos onde não conseguimos ver?);
- Quando se perde o equilíbrio;

1 BERLITZ, 1974, p. 9-10;15; 78; 81.

CARTA DE MAREAR

Rasgar todos os mapas e os esboços.
Partir o vão veleiro em mil pedaços.
Lançar-se ao mar sem nada mais que o corpo
e partilhar a vida dos sargaços.

Jamais buscar nenhuma ilha ou porto
onde pousar os miseráveis braços.
Deixar o vagalhão seguir seus cursos
às vezes loucos, outras vezes lassos.

E ao alcançar o último penedo
que demarca os limites deste mundo
(lá, onde o mar se acaba e a terra cessa)

sem qualquer pressa, mas também sem medo
deixar-se arrastar até o mais profundo.
Sem qualquer medo, mas também sem pressa.

¹ Autor(a) desconhecido(a), fotografia, acervo pessoal.

No dia 19 de janeiro de 2017 registrei esse poema e me perdi da autoria, sumiço sem testemunhas para coletar qualquer pista. É com essa Carta de Marear que embarco para a perdição, viagem incerta, acompanhada de D., filha de lansã. Nos reunimos com mais outros cinco marinheiros artistas para confundir bússolas e bermudas.

Em alto mar é impossível ignorar o poder destrutivo e consumidor das águas, como se ela não engolisse tripulações e toneladas inteiras com indescritível facilidade. Como se toda a sombra e mistério do relevo oceânico fosse concebível. Voragem: engolimos água e ela pode nos engolir num instante, é uma questão de escala. Por mais desagradável que seja uma tempestade por vir, não há como escapar dela por pura vontade. Às vezes, com atenção, é possível desvia-la, mas ela vai continuar caindo em algum lugar, para alguém. Em que medida minha relação com as águas não é de refém? Se não a beber, meu corpo perde vida, se luto contra a maré, arrisco minha vida, se não for confluyente com a mesma sou engolida, se não tiver atenta, as goteiras consomem meus companheiros de bordo. Água viva água morta.



Antony Gormley, Blind Light, 2007. Instalação.

A arquitetura deveria proteger: do clima, do frio, da incerteza¹. Blind Light invade as coisas, muda as relações de estar dentro estar fora: os perigos, intempéries e incertezas estão no lado de dentro. Foi na tempestade de verão de 2017 que o lado de dentro foi incapaz de abrigo. Estava trabalhando no Porto Seguro, no ateliê de escultura com vista para o Farol, certa de que a arquitetura cumpriria sua função de proteção. Os galhos partidos que descansavam sobre os caibros do ateliê abriram caminho para a chuva e pensei que era uma chance única dividir aquelas paredes com as águas. A arquitetura nem sempre dá conta do acidente. É pura hostilidade a dissolução de dentro-fora d'água, quando as paredes do barco mergulham e deixam entrar em sua fronteira a água. Quão pesado é um barco cheio d'água? Esse barco seria a própria receita do naufrágio. A água ocupando o lugar do ar. A gravidade e os líquidos gostam de cair e de ficar no chão.

1 GARCIA, 2007,p.20

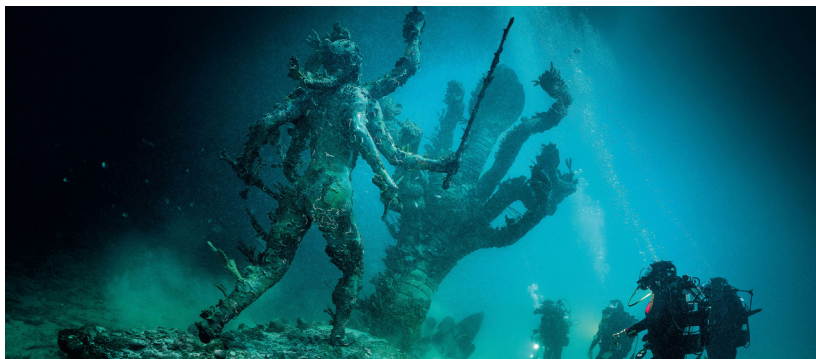


M/V Oceanos Sinking

Naufração: O cruzeiro grego Oceanos cruzava a costa Sul-africana quando foi pego por uma tempestade num mar revolto e afundou em 1991¹. Os primeiros a saírem do barco foram alguns tripulantes e o Capitão – o fizeram sem chamar resgate e posteriormente foram julgados por isso. Os passageiros notaram que definitivamente havia algo errado quando encontraram as cabines de controle vazias. O resgate foi feito pelos artistas, músicos e mágicos do navio: chamaram por ajuda, acalmaram o pânico crescente e auxiliaram no evacuação do navio. Todas as pessoas que embarcaram no Oceanos saíram com vida, a despeito do abandono daquele que supostamente prezaria pelas vidas na viagem.

1 É possível saber mais sobre o acidente no site: <https://www.oceanossinking.com/> | Acessado: 30/04/2021

Das coisas perdidas ou deixadas a estar, sem testemunhas:



Damien Hirst, *Treasures from the Wreck of the Unbelievable*, 2017. Frame do documentário.



Jason deCaires Taylor, *Lost Correspondent*, 2006. Escultura.



Colete Salva-Vidas

*Nada vale ter uma janela
Onde possa debruçar
Para olhar a rua amparada pelas calçadas
Se não se sabe
De que é feito esse chão*

Cidade Morta, Otávio Afonso¹

Para as situações de emergência, é recomendável levar consigo um colete salva vidas. Componho, então, esse colete com alguns pensamentos e referências que me proporcionam segurança nas navegações em Terras Caídas.

1 AFONSO, 1980, p. 20

“O melhor ponto de vista para o mundo é o ponto de vista de baixo, e que sobe para as coisas, apoderando-se assim do impulso do ser. Visto de cima, o mundo é plano. É por baixo que é preciso começar, é ali que é preciso ficar, ou retornar, para se lançar”¹.

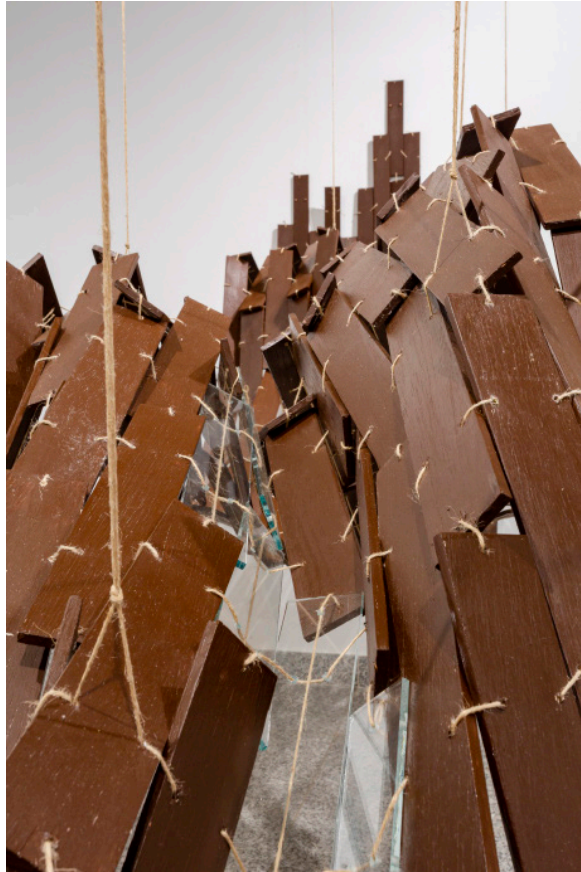
1 BESSE, 2014, p. 105.

“Não somente ponto de apoio espacial e suporte material, mas condição de toda ‘posição’ da existência, de toda ação de assentar e de se estabelecer”¹.

1 DARDEL, 2015, p. 40



Raissa Studart, *O chão pertence ao Rio Madeira*, 2019. Instalação. Acervo do Museu Nacional da República.
Fotografia: Jean Peixoto





Andar descalça, ato íntimo de contato com a terra, com a base que sustenta o peso do meu corpo.

O Rio Madeira tem este nome pois, quando caudaloso, carrega consigo árvores que seu fluxo intenso derruba da mata ciliar. Andando sobre o piso de madeira, de alguma maneira me vi nadando neste Rio.

Enquanto caminho investigando o chão sob meus pés, desafio-me a encontrar:

- Rachaduras em placas de concreto, os pequeníssimos abismos entre.

- Sobreposições das placas de concreto com elas mesmas, tal qual os movimentos das placas tectônicas que se chocam.

- Crateras no chão, os buracos que na primeira oportunidade pluvial abrigam as águas para ser Lagos mínimos e efêmeros.

Em dias úmidos, a casa transpira. O cheiro de tudo se mistura ao cheiro da água e o orégano fica grudento e mole. A água liga os materiais mais sensíveis a umidade, caráter de cola universal¹. Ao escrever na chuva as palavras grudam na pele, impregnam o papel.

1 BACHELARD, 2013, p.111

“Eis, então, que o conceito de deriva, uma vez, ampliado como sendo também a arte do encontro, leva-nos a um território onde saber aproveitar o vento significa saber usar as relações que se foi capaz de construir ao longo do caminho. [...]A arte de ir de encontro ao alguém de alguém produz conhecimento recíproco entre as pessoas que se movem em nosso novo mundo e nos ajuda a imaginar, com elas, uma outra maneira de habitá-lo”¹.

1 CARERI, 2017, p 33-34.



Hermeto Pascoal - Música da Lagoa

Um colete feito de chão, terras molhadas e pedras é quase um canto de sereia.

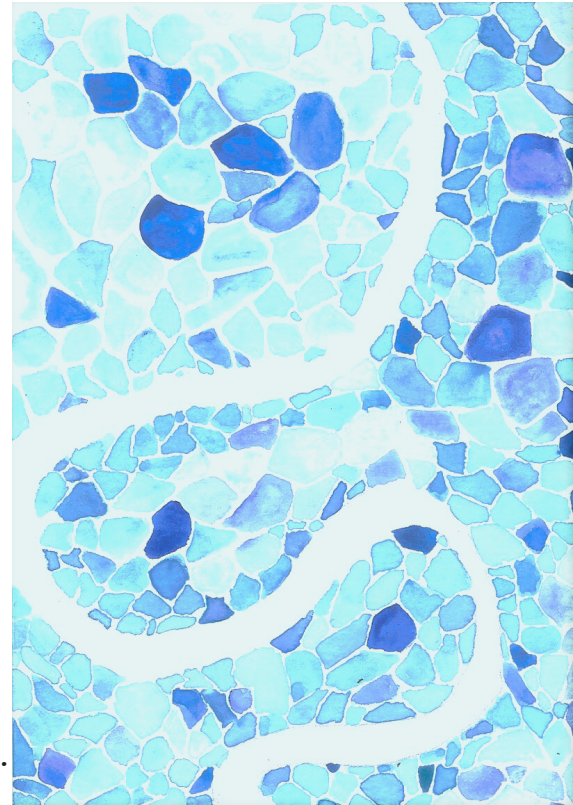
Eu e minha companheira frequentamos juntas esse curso d'água há quase uma década e esse leito nos ensinou a concretude que têm o canto líquido. Ouvimos multidões de vozes a cantar as mais agitadas histórias em nossos ouvidos enquanto passávamos nossas tardes sentadas à beira do córrego. As musas, palavras cantadas, são filhas do poder e da memória: ouvimos sobre as pedras as verdades das águas.

“Sentimos, ao ouvirmos música: [...] a língua tornada beleza, [...] a música vence a ilusão”¹.

1 FLUSSER, 2012, p. 162.



Ra Trindade, *Borboleta*, pintura, 2020.

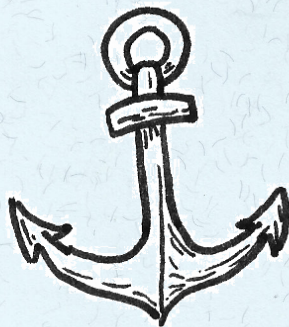


Raissa Studart. *No mar*, pintura, 2019.

Viajar e voltar para casa. Mergulhar e retornar à terra firme. E no entremeio que é estar fora, almejar o máximo de alteridade possível: estar com os seres que não vão responder, estar distante do eu para me aproximar do longe.

*“Mas existem realmente estas paisagens onde nos sentimos, como Goethe na Itália, “enfim em casa”? Onde fica esta morada que todos procuram e que vaga em algum lugar entre aqui e ali, na distância?”*¹

1 BESSE, 2014, p. 104



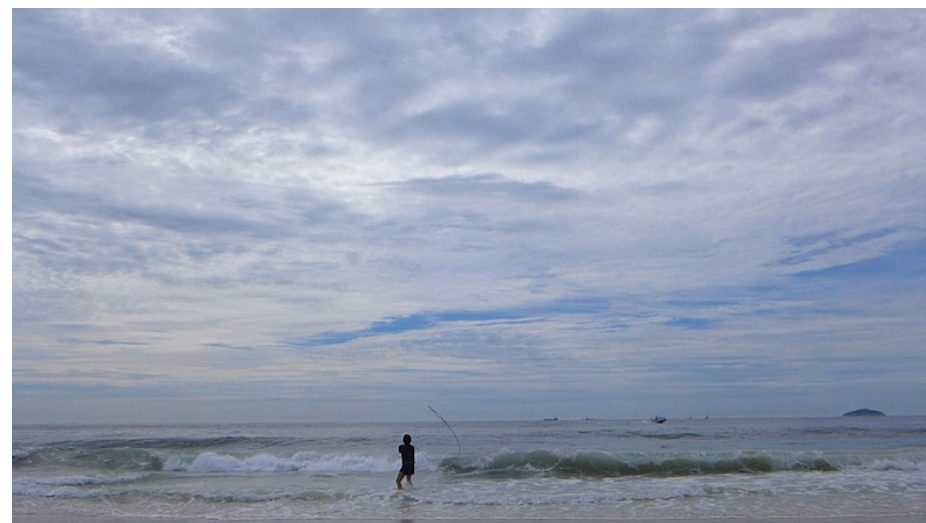
23°07'07.4"S
35°59'56.6"W

A nível do mar mora a leveza.

De onde o rio Amazonas lança-se ao mar, acompanhando a costa em direção ao Sul, chegamos na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, onde minha mãe nasceu. Há gerações as águas maternas são salgadas.

Quando olho o mar vejo simultaneamente todos os outros mares que ficaram impressos na minha memória: rastros sobrepostos de vagas iridescentes, todas imagens provenientes da mesma costa Atlântica. Estar em frente ao mar é a certeza de um além, de que seguindo em direção a linha inalcançável do horizonte que separa mar e céu de certo há de encontrar a si mesmo. Com os pés enterrados na areia molhada, as ondas batendo levemente nos meus tornozelos, eu perguntei às águas: E se não devolvesse as ondas que se rompem aqui? E se pudesse pescar todas e guardá-las comigo? Eu não teria onde guardar a mais suave das ondas, mas essa pergunta me fez sonhar. Não devolver as ondas ao mar implicaria num litoral que se estende, numa terra que cresce e num mar que persiste em ondear. É assim que o mar me atravessa e me transborda, bebo-o por inteiro até encarar teu chão profundo com olhos marejados. Para cada onda colapsada nas paisagens avistadas, a maré sobe nas minhas entranhas como se eu tivesse algo a dizer ao mar, como se minha vida fosse tal qual as histórias que ele traz.

Entregar-se ao mar: quando meu avô soltou a mão da minha mãe de cinco anos na praia sem querer numa onda-surpresa, ela abraçou o oceano sem medo. Quando aprendemos a temer o Oceano?



Levi Orthof. Beira-ar, 2017. Frame do vídeo.

Entregar-se ao mar: nadar aonde meus pés não tocam o chão.

Alto mar: descolada da terra; flutuando nas águas; êxtase de voar, vertigem da queda. A visão embaçada confunde as distâncias, as ondas devolvem os corpos navegantes à Terra e as correntezas marinhas os lançam rapidamente em direção a outros mares.

Dentro d'água, caminhando
lentamente

acreditar que há chão pela frente
até de repente
o mar tomar as solas dos seus pés para si.

Estar nas águas descolada do chão,
um outro tipo de extraterrestre.



Bas Jan Ader. In Search of the Miraculous, 1975. Fotografia.

“O ‘império das ondas’ é revelação da profundidade e, por vezes, do chamado do abismo, como mostra a lenda das sereias: encanto enganador que vem do reino das sombras”¹.

Na superfície oceânica, os astros guiam os navegantes, as nuvens conversam com os ventos e águas. O navegador francês Bernard Moitessier aparece no documentário Deep Water (2006), sobre a corrida de iate à vela de Sunday Times Golden Globe Race de 1968-1969. Mesmo em primeiro lugar na corrida, ele a abandonou. O trecho de seu diário de bordo no dia em que desistiu de voltar para casa e continuou a lançar-se aos mares em uma nova volta ao globo diz:

*“Eu não sei como explicar para Françoise e as crianças a minha necessidade de continuar em Pacífico, para estar em paz. Eu sei que estou certo. Eu sinto profundamente. Eu sei exatamente para onde estou indo. Como eles poderiam entender isso? É tão simples. Mas não é possível de explicar com palavras”*¹ Moitessier in Deep Water (tradução nossa)

Após levar sete meses para circunvagar o globo, Moitessier virou seu barco ao Sul e levou mais três meses até pisar em terra firme novamente. Imagino que todas as estrelas, que todas as vagas e tempestades o fizeram companhia, que receberam aquele iate e o acolheram como um hóspede em sua viagem.

1 Em original: “I do not know how to explain to Françoise and the children my need to continue towards the Pacific, to be at peace. I know I am right. I feel it deeply. I know exactly where I am going. How could they understand that? It is so simple. But it can't be explained in words”. Retirado do documentário Deep Water (2006).

*“O mar é para todos os homens um dos maiores, um dos mais constantes símbolos maternos”*¹

*“Nunca se está sozinho. Nunca se está fisicamente sozinho. Qualquer lugar. Estamos sempre em algum lugar”*².

1 BONAPARTE apud BACHELARD, 2013, p.120

2 Em original: “*One is never alone. One is never physically alone. Anywhere. One is always somewhere*”. DURAS, 2011, p.23



Companheiros de Bordo

AFONSO, Otávio. Cidade Morta. Ediciones Casa de las Americas, 1980.

ANDRADE, Carlos Drummond de. As Impurezas do Branco. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria. 2ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BALTAR, Brígida. Passagem secreta. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2010.

BARBOSA, Iracema e DIAS, Karina e [Orgs]. Poéticas I: Encontro Internacional em Poéticas Contemporâneas. Brasília: Mira Stella Produção e Arte, 2018.

BARTHES, Roland. Aula. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2000

BERLITZ, Charles. O Triângulo das Bermudas. Rio de Janeiro: nova fronteira. 1974.

BESSE, Jean-Marc. Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BLANCHOT, Maurice. O livro por vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMUS, Albert. Diário de viagem. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CARERI, Francesco. Caminhar e Parar. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

DARDEL, E. O Homem e a Terra. São Paulo, Perspectiva, 2011.

DERRIDA, J. e DUFOURMANTELLE, A. Da hospitalidade. São Paulo: Escuta, 2003.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Ser Crânio: lugar, contato, pensamento, escultura. Belo Horizonte: C / Arte, 2009.

DURAS, Marguerite. Writing. First University of Minnesota Press edition, 2011

EYBEN, Piero. Poesia Pandemia. Brasília: C14 Casa de Edição, 2020.

FERREIRA, Gloria e COTRIM, Cecilia[Orgs]. Escritos de artistas - Anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FOCILLON, Henri. Elogio à mão. in: Revista Serrote. n.6. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012. pp. 7-31.

FLUSSER, Vilém. A história do diabo. São Paulo: Annablume, 2012.

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM, 2019.

GROS, Frédéric. Caminhar, uma filosofia. São Paulo: É Realizações, 2010.

GRÜNBEIN, Durs. As lágrimas de Odisseu. In: Revista Serrote. n. 5. São Paulo: IMS, 2010. Pp.113-114.

KRENAK, Aliton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A e COHN, S. (org). Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

MANRIQUE, Patricia e outros. Sopa de Wuhan - Pensamento Contemporâneo em Tempos de Pandemia. Rio de Janeiro: Editorial Siesta, 2020.

MARQUES, Ana Martins e JORGE, Eduardo. Como se fosse a casa: uma correspondência. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

MARQUES, Ana Martins. Da arte das armadilhas. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011.

NANCY, Jean-Luc. O Intruso. Paris. Éditions Galilée. 2008.
NIETZSCHE, Friedrich. Sobre a verdade e a mentira no sentido extra moral. São Paulo: Hedra, 2007.

OLIVEIRA, Ângelo de. Blanchot e o canto das sereias: uma alegoria da literatura. Revista outra travessia nº18, Universidade Federal de Santa Catarina. 2º semestre de 2014. p.139-160

ONFRAY, Michel. Teoria da Viagem: poética da geografia. Porto Alegre, RS:L&PM, 2009.

PEREC, Georges. Species of Spaces and Other Pieces. London & New York: Penguin Books, 1997.

PONGE, Francis. Métodos. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1997.

PONGE, Francis. The Voice of Things. McGraw-Hill New Zealand, 1972.

PUCHEU, Alberto. O amante da literatura. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2010.

SERRA, Richard. Richard Serra: escritos e entrevistas, 1967-2013. São Paulo: IMS, 2014.

SOUZA, Edson. Escrita das utopias: litoral, literal, litoral. ELA Sousa. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre 31, 2006. p.48-60

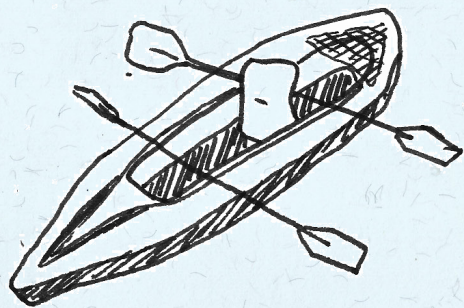
THOREAU, Henry D. Walden ou a Vida nos Bosques. São Paulo: Global, 1985.

VASCONCELOS, Adirson. A mudança na capital. Brasília: S/A Correio Braziliense, 1978.

“A leitura antes da leitura – há livros que nos requerem quando ainda estão fechados, que nos provocam, já então, o desejo de escrita. Ainda embrulhado, o livro e livro, ensinando uma nova modalidade de leitura.”¹

Carrego comigo um livro misterioso, pois não o leio, ‘Água Viva’ de Clarice Lispector. Não sei de onde veio, parece que sempre esteve na prateleira de livros da minha família, aqueles objetos que vemos sem ver até que todas os deslizes do olhar sobrepostos os fazem tomar forma, então eventualmente esse livro se mudou para a minha estante de livros sem nunca o abrir. Geralmente de muito boa vontade, compartilho livros para que possam navegar em outras mãos e outros olhares. Me despedi silenciosamente do livro, ainda intrigada com o que ele escondia de mim, mas mais ainda com a experiência da futura leitora que o tomava em sua posse. Poucos dias se passaram e assisti a nova portadora carregar Água-viva debaixo do braço insistentemente, preenchendo todas as margens e entrelinhas com sonhos e confissões. Um dia, sem esperar, esse livro volta a mim embrulhado em um delicado papel de seda branco, como um presente pela mesma pessoa que o levou. Sua lombada restaurada num papel azul escuro e rastro de uma escrita majoritariamente apagada (os trechos ainda legíveis são antigas confissões fragmentadas direcionadas a mim, uma carta enigmática). Agora sou eu a carregá-lo debaixo do braço, companheiro de bordo fiel que, mesmo agora mesmo diferente de quando partiu, nunca fui capaz de decifrá-lo.

1 PUCHEU, 2010, p27.



estrangeira

Língua das nuvens, língua das tempestades, língua dos furacões, língua das chuvas ácidas, língua dos rios flutuantes, língua das nascentes, língua afluyente, língua nascente, língua tortuosa, língua turva, língua das correntezas, língua doce, língua salobra, língua salgada, língua das vagas, língua submersa, língua náufraga, língua da noite, língua perdida, língua dos maremotos, língua das fendas oceânicas.

“[...] o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade, o direito ao asilo, seus limites, suas normas, sua polícia, etc. Ele deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição não é a sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, o pai, etc. Estes lhe impõem a tradução em sua própria língua, e esta é a primeira violência”.¹

1 DERRIDA, DUFOURMANTELLE, 2003, p. 15

Meu corpo como casa e arquitetura, navega pela cidade. Vale notar que “muitas palavras que até hoje se encontram nos relatos referente ao território percorrido ao caminhar provêm da metáfora do mar e do navegar”¹. As correntezas são mais fortes em calçadas e pistas de carro, o céu é vasto a acompanhar o deslocamento e as planícies imensas. Nas caminhadas componho a paisagem com meu próprio corpo-arquitetura, explorando possibilidades de ir ao encontro do horizonte, um jogo de afastamento e aproximação.

“Quantos centímetros quadrados do Planeta Terra terá as solas de nossos sapatos tocado?”¹ (Tradução nossa)

Navego no espaço aquático e percebo-me estrangeira nessa superfície que não é feita de pisar e nas indecifráveis línguas das vagas e ventos. Não sei traduzir o que ouço, mas sei que é verdade.

1 Em original: “How many square centimetres of Planet Earth will the soles of our shoes have touched?”. PEREC, 1997, p. 78.



Yoko Ono, Add Color Painting (Refugee Boat). 2016-2018. Instalação.



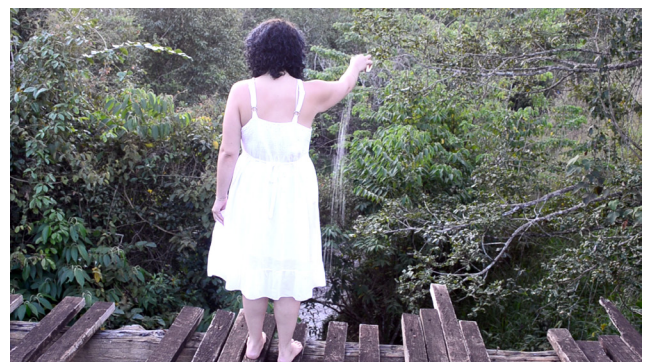
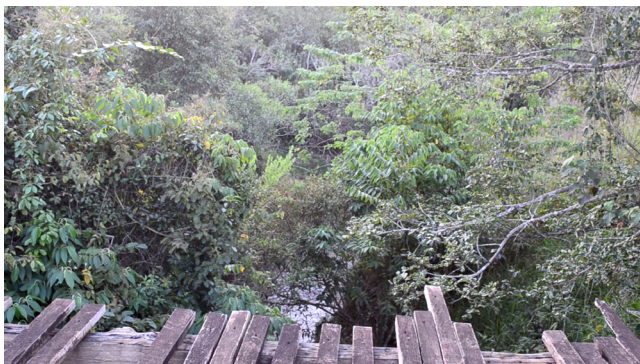
Yoko Ono, Add Color Painting (Refugee Boat). 2016-2018. Instalação.

Mar Morto: onde nada fica submerso. O nível de salinidade é tão alto que coisa alguma naufragaria ali. Do alto da ponte, em vertigem total, despejo sal no Rio Galinhas:

se eu salgar o rio ao ponto do mar morto talvez possa recuperar alguns naufrágios

talvez possa resgatar o que a água engoliu, o que a água tomou para si.

Se houvesse sal o suficiente no Lago Paranoá, amanheceríamos com as ruínas de Amaury emergidas do solo subaquático.



Raissa Studart. Mar Morto, 2019. Frames do vídeo.

“As águas estão pouco iluminadas na superfície, mas sente-se sua escuridão profunda, O mar é assim, e é por isso que eu o amo. Chamado de vida e convite à morte”¹

1 CAMUS, 1997, p.50

Lançar-se aos mares: aprender o que for possível das línguas das águas, dos ventos e dos raios. Quando navegante sou estrangeira no clima e superfície, quando mergulho meu corpo é estranho a mim. Todas essas águas das Terras Caídas têm me levado onde quero chegar, tendo em vista que não tenho a menor intenção de lutar contracorrente, além de ser bem receptiva dos desvios oferecidos pelas marés e correntezas. Compreendo que lançar-se ao mar não é seguro, necessariamente: pode ser voragem e abismo. Foi pensando nas possibilidades de construir na água e junto da água que o arquiteto Kunlé Adeyemi ergueu uma escola, incluindo no projeto arquitetônico as medidas necessárias para esse convívio íntimo. Talvez esse exemplo tencione a possibilidade efetiva dessa proximidade, entretanto persiste a nos questionar: quais são as maneiras possíveis de estar com a água? Ou: quais são as vozes que se encontram na água? Um mergulho como estrangeira implica certa intrusão¹ por astúcia: fantasio um nado sincronizado que perturba toda a superfície da água, controlando o ritmo das ondas.

1 NANCY, 2008, p.3



Makoko Floating School, escola projetada pelo arquiteto Kunlé Adeyemi em 2013 em Lagos, Nigéria

E se naufragar for uma saudade súbita da Terra?

Naufrágios: as ruínas submersas, estrangeiras.

“Um geólogo, diante do espetáculo grandioso dos cânions do Colorado, não pode deixar de evocar ‘uma linguagem misteriosa que têm aqui as águas e as pedras’. Essa linguagem não revela somente uma ‘beleza do abismo’, no sentido de uma abertura maravilhada para o espaço. O que o geólogo encontra aqui, e o geógrafo com ele, é um abismo temporal, é a revelação imediata, de uma imensa duração”¹.

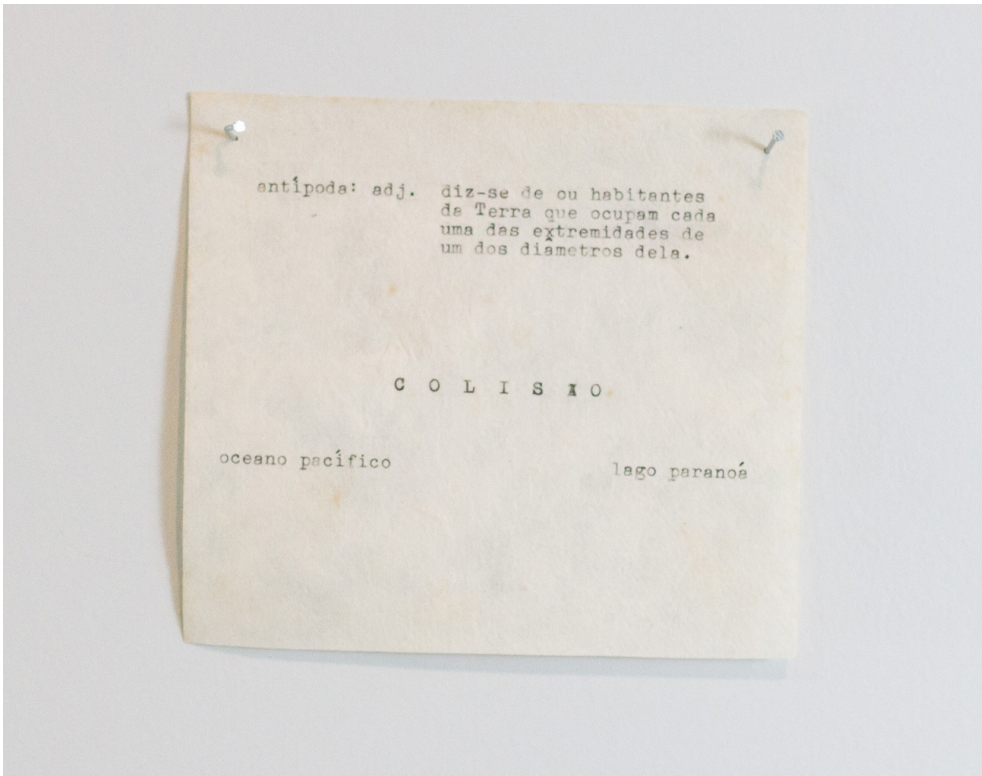
1 DARDEL, 2015, p.18



Raissa Studart. Arqueologias submarinas, 2020. Frames do vídeo.







Raissa Studart. *Encontro com o Pacífico*, 2019. (detalhe)

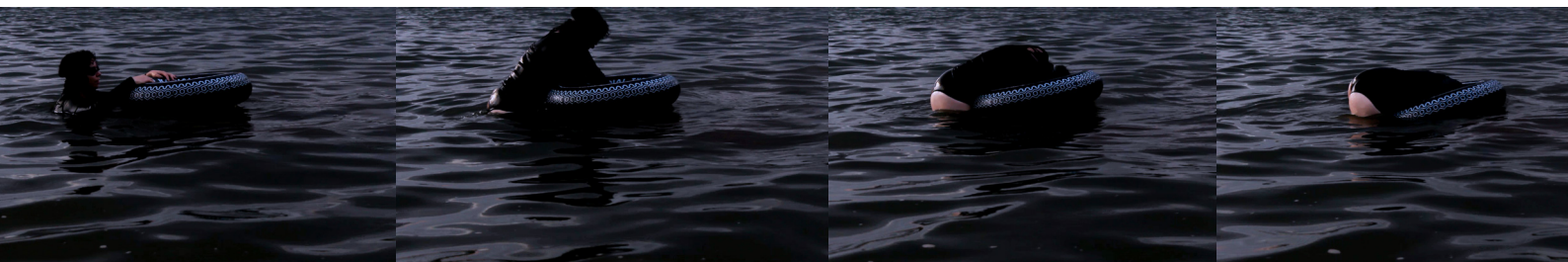
Profundidades e atravessamentos: a antípoda do Lago Paranoá nos leva até o Mar das Filipinas, bem próximo à Fossa das Marianas - ponto mais profundo dos Oceanos.

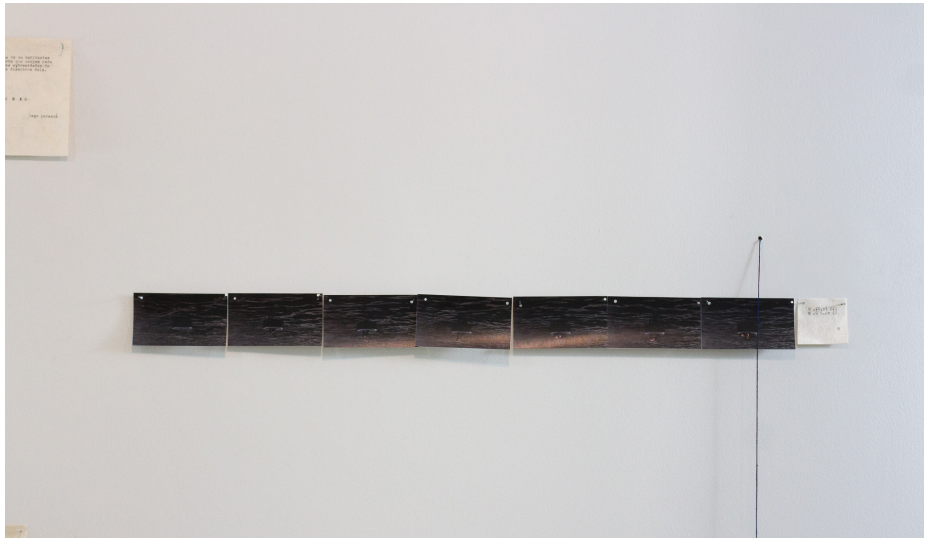
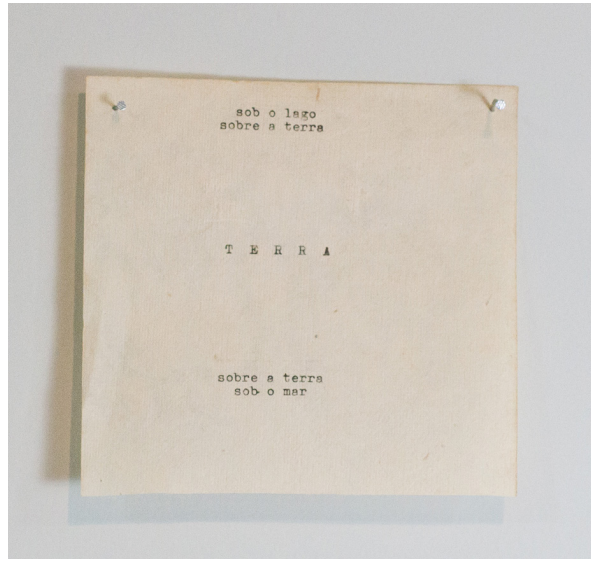
Lago Paranoá - 38 metros.

Fossa das Mariaanas - 11.034 metros.



Raissa Studart. *Encontro com o Pacífico*,
2019. Instalação.
Fotografia: Humberto Araujo







15°44'51.9"S
47°48'39.2"W

O Córrego, uma morada. Essa geografia
um vale, a mata ciliar é alta o suficiente p
çar uma variedade de ventos, as copas da
soam como ondas quando cortadas pela
de ar. O jardim é mata, o selvagem e suas
são embaçadas. Perto da Casa de Pedra, l
xo da caixa d'água, há ouro de tolo.

Aqui há ferro nas pedras e nas águas.

Debaixo d'água, uma manta de sedimen
sos cobre toda a matéria acomodada no
Córrego. As pedras submersas são empoei
ruidosas.



Raissa Studart. Derivar, 2017. Frames do vídeo

...o de mim, sempre abaixo de mim está
...a. Sempre com os olhos baixos, eu olho
...ele. É como o solo, como uma parte do
...o, uma modificação do solo. É brilhante
...ante, sem forma e fresco, passivo, mas
...istente em seu único vício, a gravidade;
...por de meios extraordinários para satis-
...esse vício - torção, perfuração, erosão,
...filtragem”.¹ (Tradução nossa)

Em original: “Below me, always below me is
Always with lowered eyes do I look at it. It is like
and, like a part of the ground, a modification of
and. It is bright and brilliant, formless and fresh,
yet persistent in its one vice, gravity; disposing
ordinary means to satisfy that vice—twisting,
eroding, filtering”. PONGE, 1972, p.49-50.

Agitada nas águas desse Córrego, tra-
tre a barragem ao Oeste e a Pedra a
Pedra é ilha e ponte, centralizada no
curso do Córrego.

Por vezes a gravidade pesa até que e
regue nas pedras lisas de seu leito.



Irigaray. Rios Temporários, 2017. Frame

Ao norte da Casa de Pedra há uma trilha com a boca numa mina d'água, cercada por pedras cuidadosamente empilhadas. Três árvores médias dentro desse círculo de pedras, suas raízes atingidas pela água corrente que brota do chão e é expelidas pela terra, tão cristalinas que parecia difícil enxergar seu movimento, e vão se acumulando dentro da murada de pedra até chegar numa rachadura na parte mais baixa do terreno, e correr para fora da fronteira. Dali em diante o terreno é em declive, as águas correm até chegar no

Olhar o olho d'água e ver a si mesma.

Sair do chão, transbordar fronteiras de pedras, entrar o Córrego, depois o Lago Paranoá, a Barragem, afluir no Rio Paranoá, desembocar em São Bartolomeu, seguir tornando-se Corumbá, Paranaíba, Paraná, Del Plata, Oceano Atlântico

Em outros tempos, quando morava no alto de um Farol, meu diálogo com o Lago Paranoá se dava pela janela e nos emoldurava enquanto nos encarávamos. Hoje, morando nesse arrego, deposito minhas mensagens nas águas que desembocam no Lago e recebo as suas correspondências pelas ondas.

O artista John Peña também endereçou às águas correspondências diárias, interceptadas pelo serviço de entrega por não encontrarem onde fica o “Oceano Pacífico” – o maior oceano desconhecido, é como se soubéssemos chegar só onde há terra.

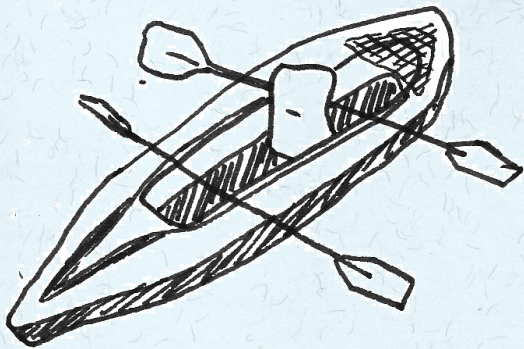
Uma rota possível ao Pacífico: mergulhar no Lago Paranoá em direção ao centro da Terra até sair na antípoda.



John Peña. Cartas para o Oceano, 2003. In

“Eu nasci no século passado, nessa região que é um córrego. O pessoal da minha região atribuía a falar o nome do córrego, do rio mais perto para dizer de onde era. Ah, se você estava na margem do rio você falava que era do rio tal, se você estava na cabeceira do rio você dava o nome do córrego, que vinha da cabeceira do rio. Eu nasci num córrego que chama córrego do Itabirinha. Esse córrego do Itabirinha, ele é da bacia do Rio Doce, ele vai jogar a água dele lá no Rio Doce e o Rio Doce depois leva todas as nossas ideias, nossos pedidos, lembranças, lamentações, e despeja lá no mar”¹

1 KRENAK, 2015, p.176-177



Notas sobre o Clima

As águas das torneiras, dos oceanos, dos rios e lagos conversam com as águas do corpo e o meio do caminho, esse espaço entre, é ocupado pelo clima. A umidade conecta a Terra, a temperatura e pressão faz com que essas águas rodem de maneiras astutas: muitas vezes, os meteorologistas deixam escapar suas peripécias. Talvez a meteorologia seja 70% água e 30% invenção. Às margens do Rio Doce é a serra Takukrak que Krenak consulta para saber se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto¹. O clima tem disso de orquestrar nossos planejamentos.

“A paisagem também é o vento, a chuva, a água, o calor, o clima, as rochas, o mundo vivo, tudo o que cerca os seres humanos (...).”²

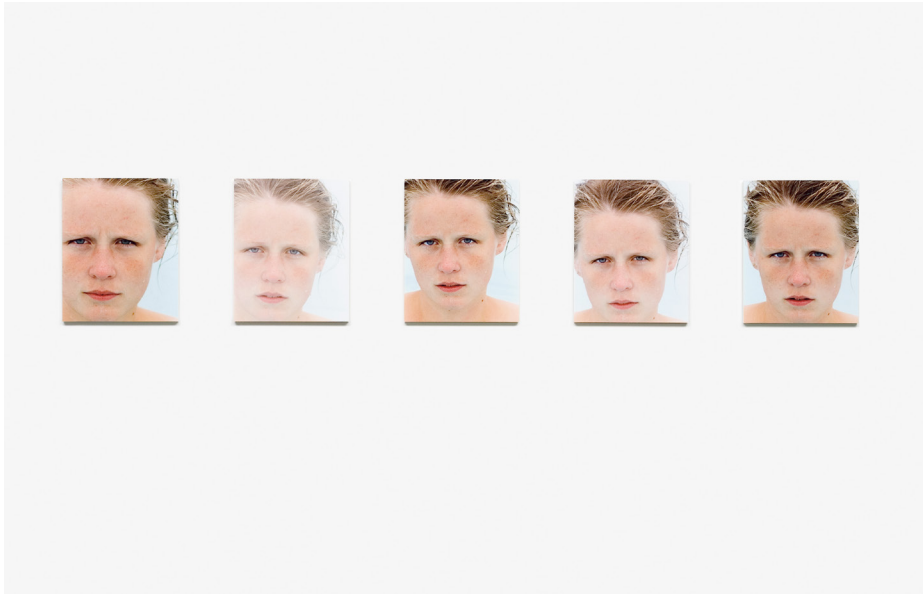
A geografia faz o clima: quando pangeia as nuvens não alcançavam o centro do continente. A geografia faz o clima: as nuvens rebatem nos Andes para despencarem no Planalto central depois. O clima faz geografia: uma lagoa barrenta abriga a porteira de casa sempre que chove. O clima faz geografia: as dunas se deslocam com o vento.

Aceitar os constantes erros como parte constituinte do fazer. [lição dos meteorologistas]

Trecho retirado da dissertação *Notas sobre notas* da artista-pesquisadora Julia Milward, 2014.

1 KRENAK, 2019, p.18

2 BESSE, 2014, p.39



Roni Horn, *You are the Weather*, 1995. Fotografia.

Das incertezas proporcionadas pelo clima, notamos as sutilezas. Conversando com D. sobre sua produção, ele disse que faria algumas coisas diferentes “em tempos normais de temperatura e pressão”, achei graça. O que acontece diferente quando operamos em outros climas? Roni Horn mostra o rosto como lugar que abriga diversas dessas temperaturas e pressões, o rosto como multidão. No corpo, é possível encontrar um clima equatorial no peito, onde o coração bate quente; clima temperado nas mãos, que vagueiam em diferentes temperaturas; clima subtropical úmido nos olhos, com precipitações abundantes; clima polar nos pés, que é extremidade de baixas temperaturas. O corpo inteiro transpira, elemento ativo no ciclo das águas, o corpo cai como nuvem, rodopia com o vento e tropeça no sol quente.

A chuva em dezembro é tão pesada que entra pelas telhas instalando um terror ritmado pelas goteiras que vão enchendo gota a gota as panelas espalhadas pela casa. Um desconforto ensurdecedor, que afoga os pensamentos. Uma água que invade a casa e demanda que a observe, que a vigie, que a ouça. Por mais leves e porosas que possam parecer, as nuvens estão em queda constante¹. Então é mais fácil escrever quando estamos na seca do Cerrado, quando a chuva é um fantasma ou uma fantasia, um delírio insolado. Parece que a água faz mais sentido em sua ausência, ela demanda que eu a busque. A seca que deixa o céu todo azul me conduz a criar nuvens domésticas para melhor respirar.

1 ¹ Vídeo Extreme Water Science With Richard Hammond | <https://youtu.be/WorxCpQb-yY> | Acesso em: 14 de maio de 2021.

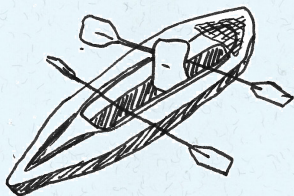


Ludmila Lima de Moraes, Tocando nuvens, 2021. Frame do vídeo.

É também na seca que erguemos muros de pedras e gelo, interessadas na perspectiva que o clima possa dissolver fronteiras entre aqui e ali. As temperaturas cada vez mais altas ao redor do globo prometem engolir alguns litorais, algumas ilhas e também transbordar canais e estreitos. O clima segue reelaborando nosso mapa geopolítico, nosso mapa geopoético. Sigamos, então, na dança dos desastres, dos tornados e tsunamis, formadores dessa nova composição.



Danna Lua Irigaray e Raissa Studart, Muradinhas, 2018. Foto-escultura.



Notas

[02/06/18 15:21] Eu estou aqui e
à mercê das ondas.

[12/02/21 12:21] não é sobre
beleza das águas, elas são en-
cantam, mas não são só isso
e não sempre

[21/03/21 17:48] antes da chuva
acabar já está seco, estou seca,
acho que estou envelhecendo

[20/10/2018 08h15] O que as águas querem me contar? Confidências de cursos d'água: coincido em toda sua extensão.

[10/07/18 12h35] começar na
casa, ir para rua

retornar para casa,

de morar

[05/05/19 21h44] Quando olho para a água eu procuro tudo o que não consigo ver

[1/7/18 3h15] o abaixo da superfície é das raízes
e o acima é dos olhinhos

[11/07/19 17:47] Na varanda do Farol, observo o Lago através do meu copo cheio d'água. Águas sobrepostas.

[3/3/19 22h51] Chuva em casa. Aqui, repleto de paisagens lentas e úmidas. Vejo os musgos e manchas de umidade, a água suando na porta do banheiro, as maçanetas que ativam múltiplas torneiras, espelhos d'água e piscinas enchendo com as águas da chuva

[26/03/21 11:59] quantas vezes,
do alto do farol, minha fala não
foi interrompida pelo lago imó-
vel?

[15/04/21 19:02] as palavras se escondem de mim quanto mais as leio e as escrevo

[14/01/21 16:01] sonhei que pescava de vara e anzol debaixo d'água, num mar que era debaixo do mar

[24/09/18 19h44] O que eu poderia dizer ao mar que ele já não saiba, pela água que porto em meu corpo?



15°45'57.3"S
47°52'14.3"W

Do alto do Farol eu sempre pude ver bem o Porto Seguro, mesmo antes de transitar por ele, um pouco ao Sul. A arquitetura é baixa, concreto aparente e com largos estacionamentos para fundear diversas embarcações. Aqui acontecem os encontros e trocas entre marheiros das mais variadas terras, diversos campos do conhecimento se atravessam, estreitando as fronteiras entre as línguas. É contágio provocante da construção conjunta de mundos (im)possíveis.

A possibilidade de fundear minha embarcação em tal Porto me faz pensar em palavras como *gratidão* e *excitação*. É um lugar de desfazer as bagagens, tirar tudo que tem dentro para misturar com o que tem fora. É um lugar repleto de verbos e movimentos, gestos e mundos amanhecendo e anoitecendo, pensamentos incendiários e maresia. Andando nos gramados do Porto com o vento gelado do inverno, encontro a palavra *pertencimento*, logo atrás dos bambuzais da Biblioteca Central.

*“Onde fica a morada que todos procuram? Talvez o vageamento, a morada da distância, a paisagem com zona de contato, a possibilidade de pouso, de morada precária e incompleta. Paisagem é acontecimento, evento topologia do presente, faísca que fricciona nosso contato com o espaço, que nos ancora no espaço.”*¹

A maioria dos meus Companheiros de Bordo encontrei aqui, à espera nos corredores de prateleiras da Biblioteca Central ou nos ateliês e salas de aula. Estar no Porto é descobrir que o mundo é mais vasto que cabe à vista, é levantar voo mesmo antes de levantar âncora. Entre a Concha e os felinos da Colina tem o ateliê de escultura na Maquete, onde construí casas de concreto sobre uma longa mesa de madeira impregnada de gesso e cera. O chão é de cimento queimado vermelho escuro, cheio de buracos que empoçavam quando era dia de lavar o ateliê. Foi onde minha prática artística se consolidou, foi meu primeiro espaço de trabalho, foi onde conheci o peso da água.

Todo o contágio que o Porto proporciona é de movimento, de busca pela desautomatização do olhar e das palavras, a despeito de ser uma instituição. Todo o câmbio de processos e métodos artísticos que dão coragem e energia para insistir na criação de mundo em conjunto e convívio.

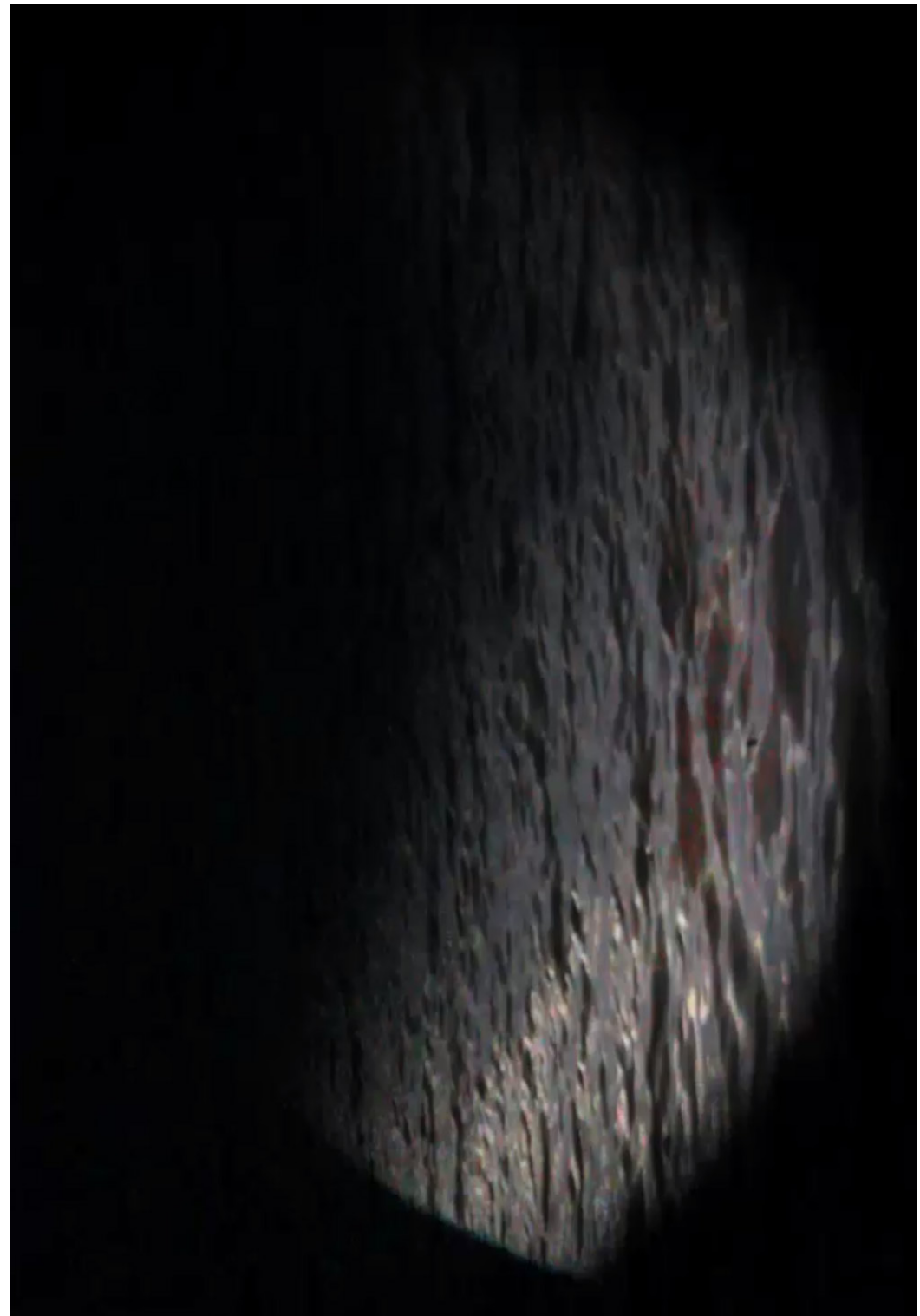
Nesse abrigo, cultivo com estima todas as navegações feitas com discentes, docentes e passageiros perdidos. Nesses cruzamentos, tive a oportunidade de conhecer maneiras outras de ver, de ouvir, de falar e de ser, oportunidade de sair de mim mesma.

“Levinas chama de hospitalidade à acolhida da outreidade, do que implica o rosto do outro, que é uma abertura na forma de vulnerabilidade que mexe, que convida, que chama, que diz “vem” (...).”¹

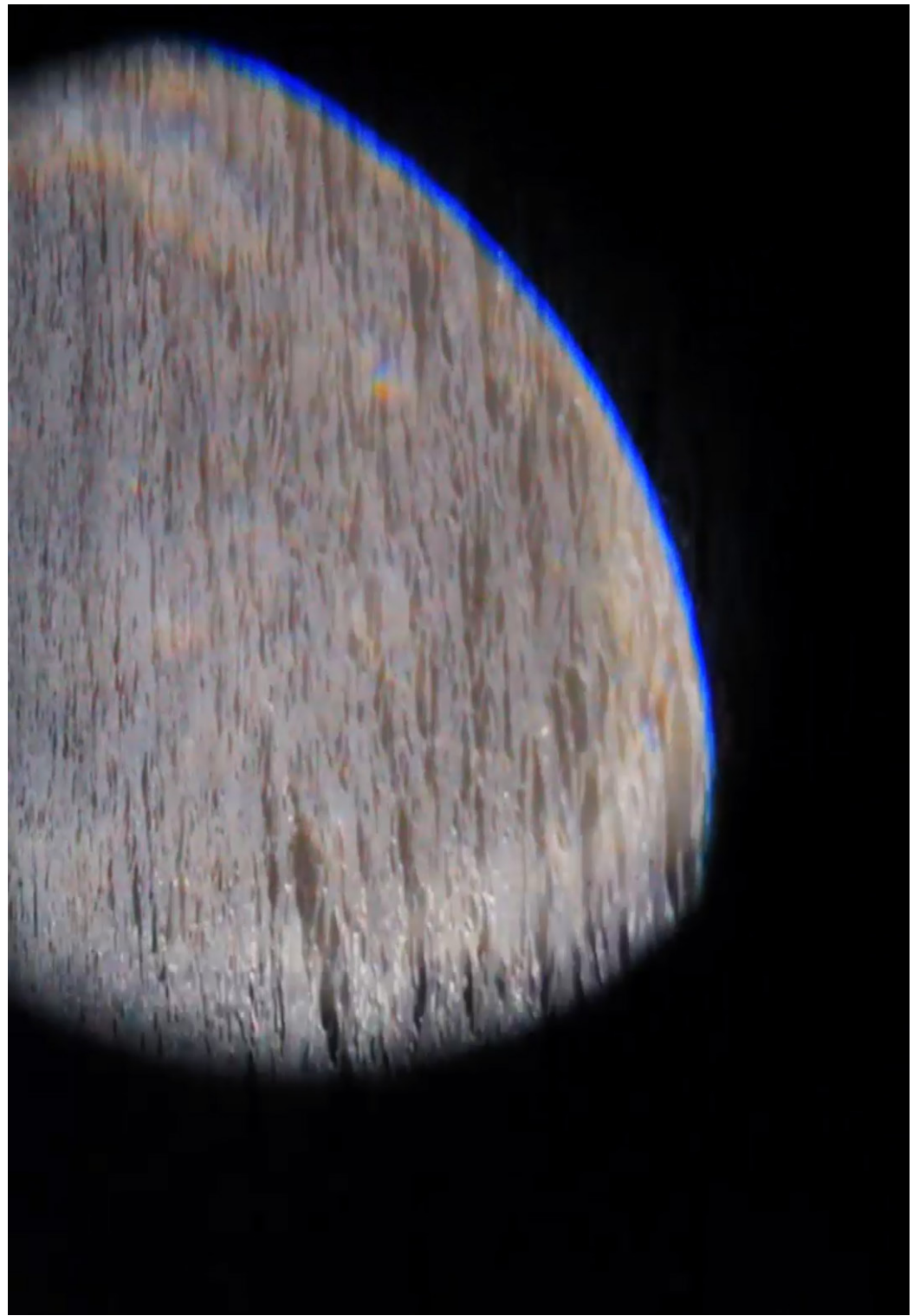


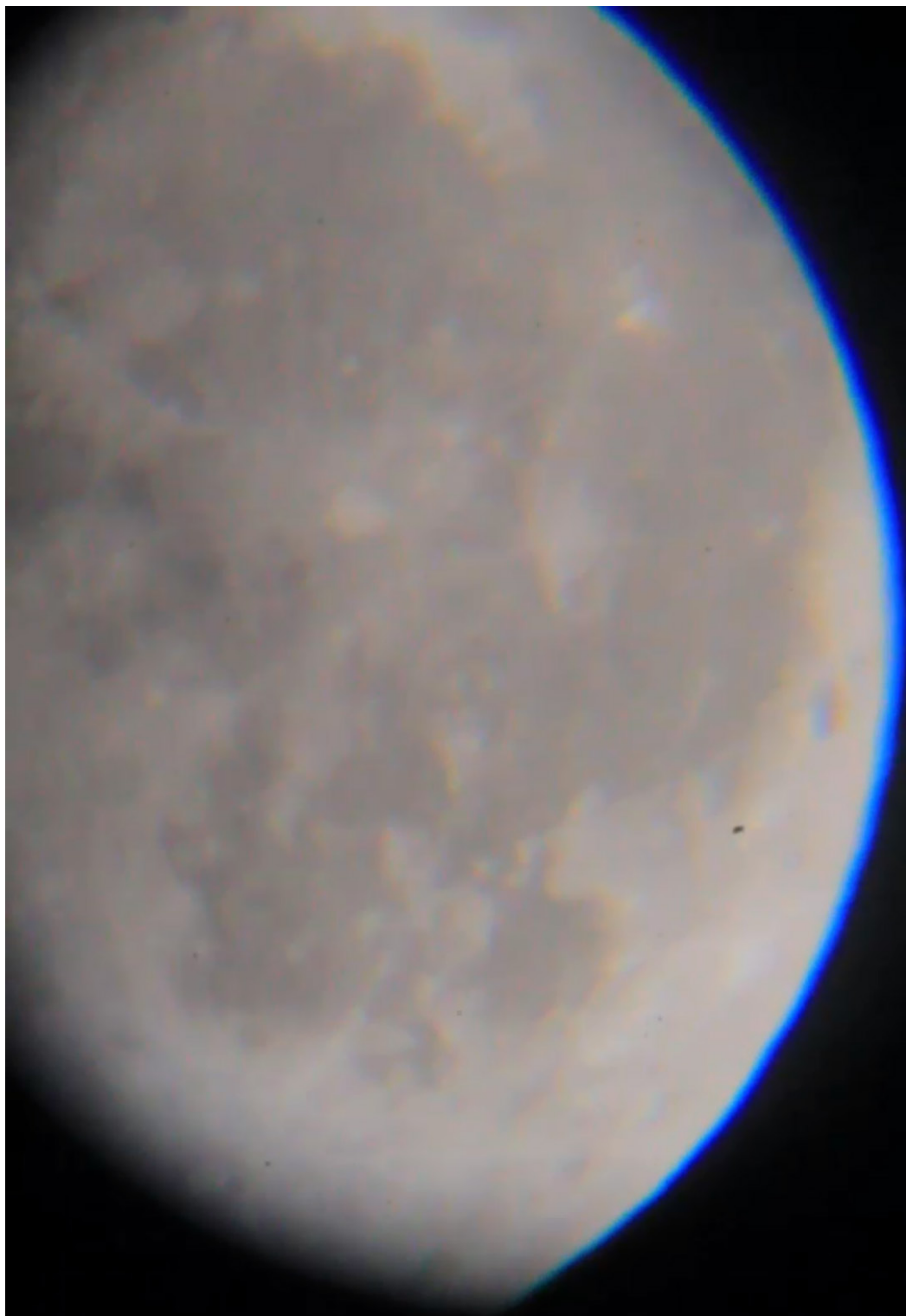
*Para Ra, que me ensinou a
olhar os astros.*

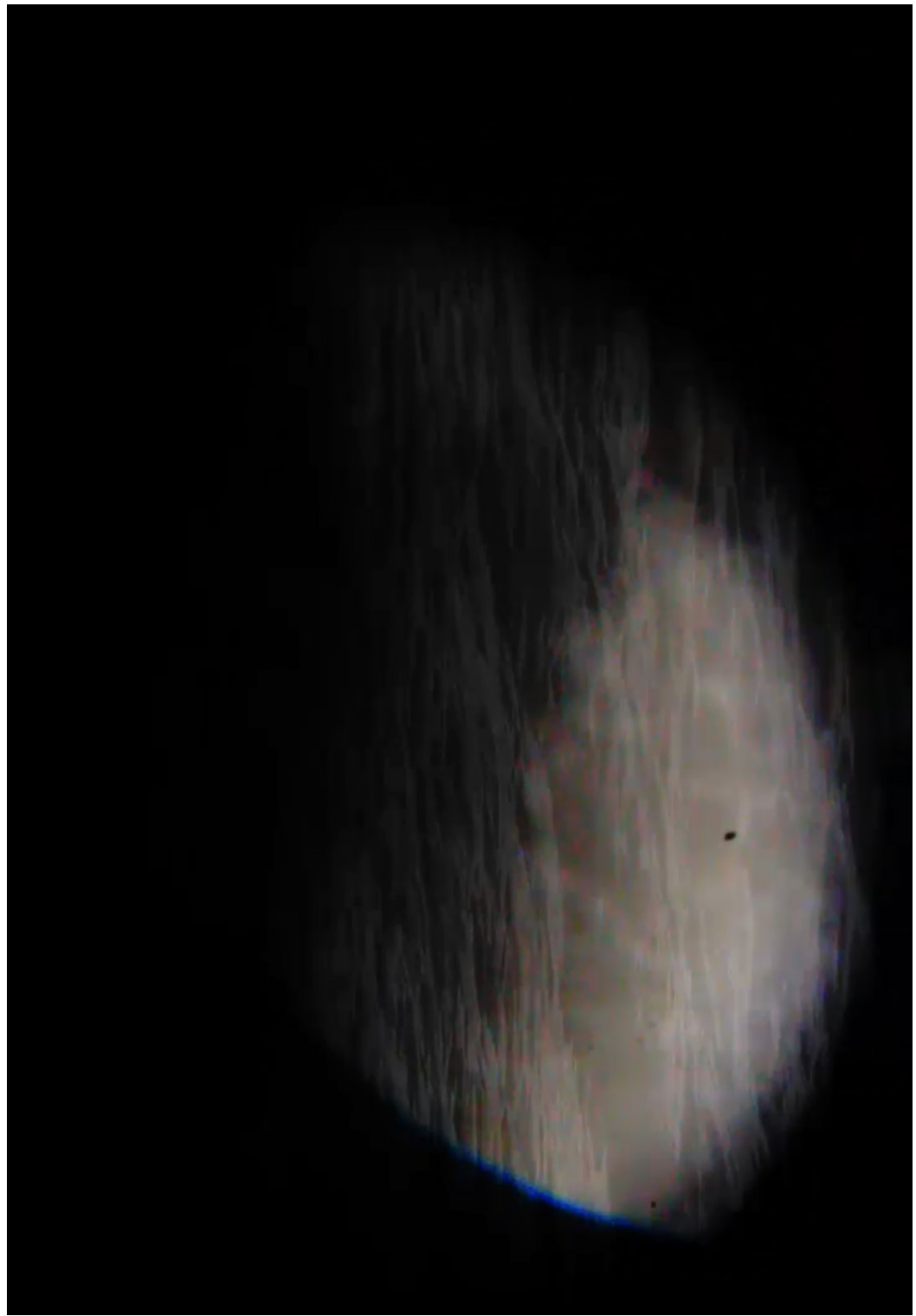
Raissa Studart, *Lunetas*, 2020. Frames de vídeo.

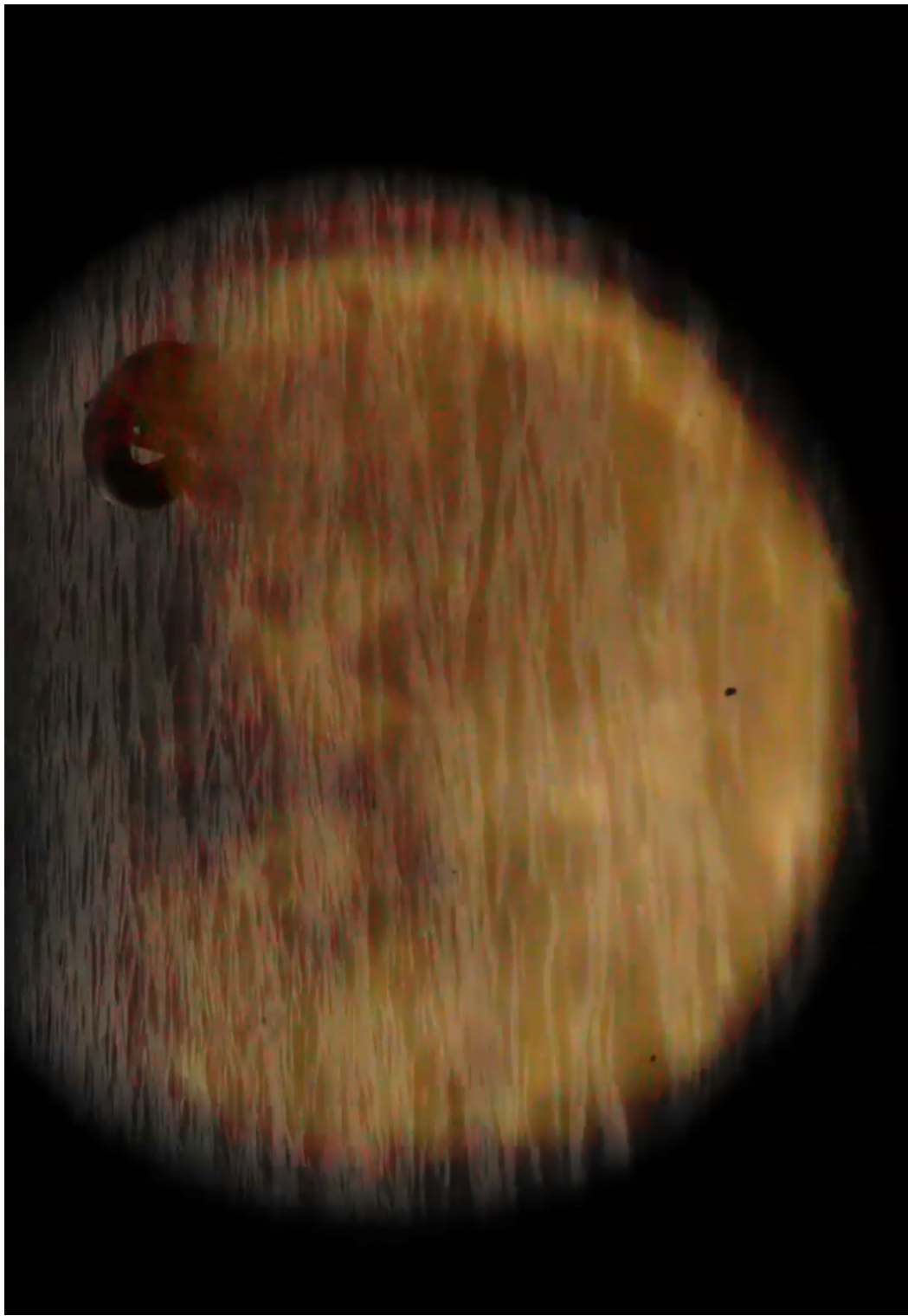


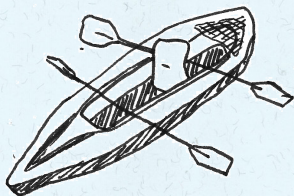












Sobre lançar linhas
no papel

#1 Se for agosto: usando seu copo preferido de medida, despeje água na sua nuca, enquanto estiver com o tronco projetado para frente (como se estivesse olhando para a água sobre uma ponte). Deixe sua roupa molhar, a gosto. Comece a escrita descrevendo as manchas úmidas nas vestes, no chão, no fundo do copo.

#2 Se for antes de 9h: tomar 3 copos d'água, de medidas variadas. Reserve algumas gotas no fundo dos copos e deixe-os secar ao sol enquanto escreve.

#3 Se estiver com pressão baixa: mergulhe os pés num balde de água fresca e concentre-se na sua respiração. Internalize esse ritmo e siga-o na escrita.

#4 Se estiver sentada em frente ao Oeste: encha a boca d'água, mas não engula. Deixe a água dançar com seus dentes, deixe-a submergir sua língua. Sinta suas temperaturas se encontrarem. Quando for escrever, esquente com as mãos a caneta/lápis que for utilizar.

#5 Se for quarta-feira: sente-se na beira do Lago e faça uma oferenda de pedras de outras terras. Desenhe-as antes de jogá-las nas águas.

#6 Se estiver em casa: ao tomar banho, leve consigo uma garrafa de água vazia. Posicione-a debaixo do chuveiro, quando possível, para que ela possa ir enchendo conforme o tempo passe. Assopre no gargalo para que o ar vibre dentro do recipiente. Aproveite os diferentes níveis d'água dentro da garrafa para produzir uma variedade de sons.

“É uma coisa estranha - não apenas a escrita, a palavra escrita, mas também os uivos dos animais à noite, de todos, de você e eu, dos cães”¹. (tradução nossa)

1 Em original: *“It’s an odd thing—not only writing, the written word, but also the howls of animals in the night, of everyone, of you and me, of dogs”*. DURAS, 2011, p.18

Escrever enquanto chove é umedecer inevitavelmente as palavras, é registrar o susto do trovão em uma linha borrada ou interrompida. É deixar vaziar um pouquinho na língua o barulho das gotas contra as telhas.

Aqui, sentada na terra sobre meus joelhos, o que posso fazer? A minha mão nessa terra, até onde vai? Quando comecei a enterrar minhas mãos na terra (seca ou molhada), foi a procura do que poderia estar habitando a profundidade, descobrir com a ponta dos dedos o mundo silencioso das raízes.

“Os poetas não têm de modo algum de cuidar das relações humanas, mas de ir de cabeça até o fundo do poço. A sociedade, aliás se encarrega muito bem de empurrá-los, e o amor das coisas de mantê-los ali; eles são os embaixadores do mundo mudo. Enquanto tais, balbuciam, murmuram, afundam na noite do logos – até que, enfim, se encontrem no nível das RAÍZES, onde se confundem as coisas e as formulações”¹.

1 PONGE, 1997. p.73-74

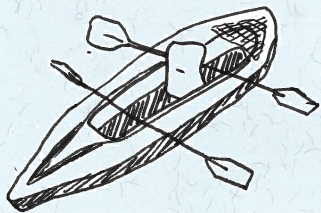
Escrever com a água: lembrar do que foi escrito e já se evaporou, lembrar de quem já escreveu com a água; lembrar dos movimentos das ondas quando se está numa precária e pequena embarcação. Os ciclos da água passam e tão rapidamente nos tornamos estranhos às nossas próprias escrituras.

Gosto de escrever em papel, de sentir a textura da folha enquanto deslizo a caneta na superfície. A interlocução papel-caneta é a mesma das palavras com o espaço que elas mostram, uma resposta ao vivido. Quando estou em silêncio, o branco da página basta.

Marcel Broodthaers se projeta sobre o papel, sob a chuva e começa uma escrita em que as águas participam. Composição conjunta de paisagens úmidas e em movimento a dançar pela folha.

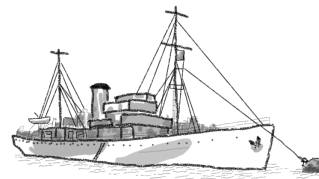


16 Marcel Broodthaers, *La Pluie*, 1969. Frame do vídeo.

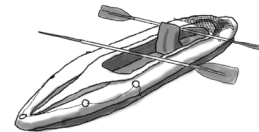


Os últimos 30 dias a bordo

Estamos a bordo de um caiaque azul de letras amarelas e grandes tatuadas: CHALLENGER K2. Algumas décadas atrás, diversos cientistas e pesquisadores realizaram uma expedição chamada Challenger, de embarcação homônima, navegando em todos os oceanos da terra. Challenger é também o nome da fenda mais profunda que se sabe hoje, perto do Mar das Filipinas, encontrada nessa mesma expedição. Essa sincronicidade parece expandir meu caiaque, parece que navego com todos aqueles pesquisadores, parece que estou a uma remada de descobrir o ponto mais profundo do Lago Paranoá.



HSM Challenger



Caiaque Challenger K2

“A revelia do entendimento e de um nome para definir o indefinível, a escrita se realiza no renascimento de cada palavra que, no corpo da sintaxe criada, faz parecer estar sendo usada pela primeira vez, instaurando um sentido inesperado para o leitor, mesmo que este seja o escritor enquanto leitor de seu próprio texto. Com olhar estrangeiro, olhar uma terra, inexistente em qualquer mapa, a que, de repente, se chega sem saber como.”¹

1 PUCHEU, 2010, pg. 37

Nesse ponto da viagem, estou voltada aos papéis, às palavras e memórias para misturar as águas enquanto o caiaque segue o caminho de volta ao Porto Seguro. Assombrada pela experiência, pela fantasia, pela alteridade de tantos encontros. Existe um estranhamento desse fantasma que não reconheço: leio os diários dessa viagem como se fossem de outra pessoa. O que acontece ao fim de uma longa viagem? Quase posso ouvir mais uma vez as sereias me apontando uma nova direção, um novo mar a duelar. Não voltar é um desejo tão forte quanto o retorno à casa.

*“A escrita é uma espécie de fracasso necessário desse percurso.”*¹

Estar com as palavras é acreditar que seja “sensato o desejo do impossível”². Talvez porque palavras não dão conta das escalas e das medidas das coisas, tampouco das comparações dessas coisas. Isso eu já sabia antes de viajar, mas agora entendo a dimensão violenta que a classificação impõe nas palavras, ‘a linguagem é fascista’ repete Barthes na minha cabeça: soube também que não há fora da linguagem ou fora do poder e que a língua pode sim ser trapaceada, dentro dela onde já esta-

1 SOUZA, 2006, p.56

2 BARTHES, 2000, p.22

mos, um convite para ouvi-la fora do poder³. Pode ocorrer de esquecer-se da ilusão da língua e acreditar que seja verdade⁴, o que nos leva a primazia do sentido ou à ideia de que só existe um sentido para as coisas. Talvez o difícil seja colocar na sucessão de imagens o que acontece simultâneo. O que falar primeiro de tudo que acontece? Quando leio tenho as direções e coordenadas: é de oeste a leste e depois de norte a sul em uma leitura ocidental. Quando estou em pé, no chão, a leitura que pode o corpo é das mais variadas direções, altitudes e profundidades. Não fosse as palavras no papel sucessivas como são os pés na caminhada e a linha que borda o tecido, começaria tudo junto de uma só vez e misturado. Sigo pensando: como

3 BARTHES, 2000, p.14-16

4 NIETZSCHE, 2007, p.33

dizer sobre essa viagem?

Por que a língua é espaço e, da nascente do Rio Madeira até o Oceano Atlântico, são 6.400 km de atravessamento transcontinental, quantas das palavras navegaram juntas e quantas naufragaram?

E se nós aprendermos a trapacear não só a língua⁵ como a maneira que lemos o próprio mundo? No texto “Hospitalidade e Imunidade Virtuosa”, Patricia Manrique nos convida a pensar sem pressa, para não confinar a nossa percepção do outro na órbita do conhecido. Precisamos de tempo para pensar o que estamos vivendo sem a automatização do olhar para aquele

5 BARTHES, 2000, p. 16

vem⁶. Manrique convida também a pensar no corpo fora da semântica do próprio, buscando identidades abertas ao contágio, a alteridade, à comunidade e depois encerra seu texto desejando que nosso futuro pós-pandêmico não seja mais do mesmo. Eu parti nessa viagem pouco depois de ler os manuscritos do meu pai e hoje sigo com a sombra da minha mão na folha, na minha própria fantasmática, e em algum momento nesse deslocamento passei de vivente à sobrevivente⁷. Não existe retorno ao que que era e nem é esse o desejo. Qualquer que seja o futuro, chegarei nele pela escrita, “pela força conquistada para mergulhar um pouco mais tranquilamente na

6 MANRIQUE, 2020, p.147-148

7 EYBEN, 2020, p.41

perdição [...]. A escrita: uma saída de emergência”⁸. Atravesando essas Terras Caídas encontrei a água, esse outro que (en) canta, que se desloca e aparece à sua maneira. Meu olhar foi farol enquanto no Farol, a ver mover as águas resguardadas na cavidade do Lago. Meu olhar é barco de pedra enquanto navegante, a afundar lentamente no fundo que dissolve o contorno dos corpos.

Encontro as palavras tateando e sabendo de sua impotência e de como é importante que seja assim. Cada vez que revisito as Terras Caídas saem novas palavras da boca. Estamos navegando entre o Triângulo das Bermudas e a costa Leste dessas Terras, faz sol e venta forte, quase posso ver terra à vista novamente.

8 PUCHEU, 2010, p41

A superfície do caiaque queima a pele e mal consigo manter o ritmo das remadas. Ainda em dúvida se há coragem de fundear no Porto, mudo a direção um pouquinho, levemente ao sul. Começo a circunavegar o litoral novamente.

